

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA

FERNANDO BOEIRA KELLER

**IMIGRAÇÃO JAPONESA NO ESTADO DE GOIÁS: A VALORIZAÇÃO DA  
MEMÓRIA ORIENTAL**

Goiânia

2018

FERNANDO BOEIRA KELLER

**IMIGRAÇÃO JAPONESA NO ESTADO DE GOIÁS: A VALORIZAÇÃO DA  
MEMÓRIA ORIENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como um dos requisitos para obtenção do título de Graduado em Museologia.

Linha de Pesquisa: Cidades, Narrativas, Imagem, Memória.

Orientadora: Profa. Ivanilda Aparecida de Andrade Junqueira

Goiânia

2018

FERNANDO BOEIRA KELLER

**IMIGRAÇÃO JAPONESA NO ESTADO DE GOIÁS: A VALORIZAÇÃO DA  
MEMÓRIA ORIENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Graduado em Museologia, aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivanilda Aparecida Junqueira  
Orientadora

---

Prof. Dr.  
Examinador

---

Prof. Dr.  
Examinador

## DEDICATÓRIA

*Dedico este estudo aos meus pais, Elisângela e Fábio, às minhas irmãs Maria Carolina e Julia, que acompanharam todo o processo deste trabalho e de minha vida acadêmica. Amo vocês. Dedico também à comunidade japonesa, que sempre me inspirou com sua sabedoria e modo de viver.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu o privilégio de estudar na Universidade Federal de Goiás. Ele que me dá sabedoria e calma para enfrentar os dias.*

*À minha mãe Elisângela Rodrigues Boeira, por ter me auxiliado em toda minha vida acadêmica e ter me dado carinho nesse processo.*

*Ao meu pai Fábio André Keller, por ser um pai sempre presente e me ensinar o caminho correto.*

*Às minhas irmãs Maria Carolina e Julia, por me fazerem companhia em todos os momentos e por terem estendido a mão nos momentos em que precisei.*

*Aos meus avós que também acompanharam de perto meus estudos e sempre foram muito presentes na minha vida, sou eternamente grato.*

*Agradeço à minha orientadora Dr<sup>a</sup> Ivanilda Aparecida de Andrade Junqueira, por ter me dado todo o suporte no andamento do trabalho, pela paciência, pelo amor ao que faz, pelo profissionalismo que me fazem admirá-la como profissional e pessoa.*

*Ao coordenador do curso de Museologia, Rildo Bento de Souza, por ter sido um excelente professor e por ter me apoiado nos momentos difíceis durante o curso.*

*Ao Museu Histórico da Imigração Japonesa, em São Paulo, por ter aberto as portas para que eu realizasse minhas pesquisas.*

*Agradeço à Associação Nipo-Brasileira de Goiás por ter me concedido apoio e auxiliado no andamento deste trabalho.*

*Ao meu amigo George Lucas Moura da Silva por ter me ajudado no trabalho, pelos dias que passou ao meu lado ajudando na parte gráfica no âmbito do museu virtual, meu muito obrigado a esse rapaz incrível, foi uma experiência única e sua ajuda foi fundamental.*

*À minha amiga Sâmella Martins Magalhães, por ser uma irmã que Deus me deu de presente, sou grato por todos os dias de risos, choros e de muito trabalho que tivemos na UFG.*

*Por último, agradeço à Universidade Federal de Goiás por ter me feito crescer tanto como pessoa quanto profissional, é uma honra poder levar a sigla UFG comigo por toda a vida.*

*"Crescer custa, demora, esfola, mas compensa. É uma vitória secreta, sem testemunhas. O adversário somos nós mesmos."*

*- Martha Medeiros*

## **RESUMO**

O presente trabalho traz em questão a imigração japonesa em Goiás, tratando de cada etapa da mesma, desde o Tratado de Amizade assinado entre Brasil e Japão em Paris, até a necessidade de se trazer japoneses para o Brasil, que diante da abolição da escravatura e da falta de mão de obra eminente, requeria imigrantes para o cultivo do café na primeira década do século XX. O objetivo da monografia é elucidar como foi a imigração dos japoneses em Goiás, levantando questões que problematizem o tema e questionando se existe uma rede que permita a troca de informações dos membros do Kaikan, um clube poliesportivo e com jantares típicos, com a sociedade em geral e o estado. Diante disso, o método utilizado foram pesquisas bibliográfica e documental de vários artigos, sites e revistas sobre a imigração japonesa no Brasil e em Goiás, que foram cruciais para a elaboração de um projeto que seria feito posteriormente. Os resultados obtidos incluem a definição de um site, bem como suas ferramentas e opções de interação do público com a museologia virtual, um método novo que se encontra em ascensão e visa quebrar paradigmas e preconceitos acerca da cultura japonesa em Goiás. Foi concluído que não há uma interface midiática que sirva de pilar para um clube ou museu físico, sendo assim, a solução para a problemática existente foi a idealização de um museu virtual, que se mostrou eficaz na divulgação da salvaguarda e documentação do patrimônio oriental em Goiás, bem como sua valorização.

### **Palavras-chave:**

Museu; Imigração Japonesa; Museu virtual; Goiás; Patrimônio.

**ABSTRACT**

The present work brings into question the Japanese immigration in Goiás, dealing with each stage of the same, since the Treaty of Friendship signed between Brazil and Japan in Paris, until the need to bring Japanese people to Brazil, that before the abolition of slavery and lack of eminent labor, required immigrants to coffee cultivation in the first decade of the twentieth century. The aim of this monograph is to elucidate the Japanese immigration in Goiás, raising questions that problematize the theme and questioning if there is a network that allows the exchange of information of the members of the Kaikan, a multisport club and with typical dinners, with the society in general and the state. Therefore, the method used was bibliographic and documentary research of several articles, websites and magazines on Japanese immigration in Brazil and Goiás, which were crucial for the elaboration of a project that would be done later. The results obtained include the definition of a website, as well as its tools and options for public interaction with virtual museology, a new method that is in the ascendant and aims to break paradigms and prejudices about the Japanese culture in Goiás. It was concluded that there is not a media interface that serves as a pillar for a club or physical museum, and thus, the solution to the existing problem was the idealization of a virtual museum, which proved effective in publicizing the safeguard and documentation of the Japanese heritage in Goiás, as well as their valuation.

**Keywords:**

Museum; Japanese Immigration; Virtual Museums; Goiás; Heritage.

**LISTA DE IMAGENS**

Figura 1. Cartaz de Propaganda	19
Figura 2. Kasato Maru	20
Figura 3. Rota de viagem para o Brasil	21
Figura 4. Problemática e possíveis sugestões	33
Figura 5. Concept Art do Museu Virtual	34
Figura 6. Etapa final do desenvolvimento do conceito e arte do Museu virtual	35
Figura 7. Disposição das caixas de ferramentas	36
Figura 8. Nomeação das caixas de ferramentas	37
Figura 9. Harmonização do <i>layout</i>	38
Figura 10. Barra de rolagem	39
Figura 11. Idealização final	39
Figura 12. Criação da interface do acervo digital	40
Figura 13. Criação da interface de eventos	41
Figura 14. Criação da interface do memorial	41
Figura 15. Criação da interface da agenda pessoal de eventos	42
Figura 16. Criação da interface do guia	42
Figura 17. Criação da interface de mapas	43
Figura 18. Criação da interface de museus	44
Figura 19. Início da interface Wix	45
Figura 20. Objetivo do site	45
Figura 21. Instância e público-alvo	46
Figura 22. Tutorial para o design inicial	46
Figura 23. Opções pré-definidas	47

Figura 24. Designação do tema	47
Figura 25. Finalidade do site	48
Figura 26. O uso do título “Museu” como referência	48
Figura 27. Ferramentas disponíveis para incremento	49
Figura 28. Denominação do site	49
Figura 29. Localização do espaço físico (se houver)	50
Figura 30. Visualização e edição de dados pessoais	50
Figura 31. Design básico usado como parâmetro inicial	51
Figura 32. Desenvolvimento do site contendo opções para seu design.	51

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	6
<b>Abstract</b>	7
<b>Lista de imagens</b>	8
<b>Introdução</b>	11
<b>Capítulo 1: Imigrações e espaços de memória</b>	14
1.0 Imigração japonesa no Brasil	14
1.1 Imigrações em Goiás	15
1.2 A ressignificação da identidade goiana	16
1.3 Centro de memória	17
1.4 Hipótese de um Centro de Memória ou Museu virtual japonês em Goiânia	18
Figuras	19
1.5 O Bairro da Liberdade	21
1.6 Museu Histórico da Imigração Japonesa	23
1.7 Os japoneses buscam oportunidades em Goiás	24
1.8 A imigração japonesa em Goiás	26
1.9 O surgimento do Kaikan em Goiás	27
<b>Capítulo 2: A virtualidade dos museus e proposta de criação do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás</b>	30
2.0 O Projeto de criação conceitual do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás	30
2.1 Processos de formação de um site	32
2.2 Processo de formação do site do Museu Virtual da Imigração Japonesa em Goiás	32
2.3 Conclusão da idealização do site do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás	36
2.4 Hipótese de execução empírica	44
<b>Considerações finais</b>	52
<b>Referências</b>	53

## INTRODUÇÃO

O final do século XIX foi marcado pelo início da imigração japonesa para vários países, como China, Estados Unidos, Canadá, México e, dentre eles, o Brasil. Devido à falta de mão de obra no Brasil e ao empobrecimento da zona rural do Japão, deu-se então o incentivo por parte do governo japonês à emigração dos japoneses para outros continentes (SAITO, 2011). A imigração japonesa tornou-se mais acessível devido ao Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão, assinado no ano de 1895. Com a abolição da escravatura no ano de 1888, a mão de obra ficou escassa e tornou-se urgente uma mão de obra estrangeira.

Os brasileiros da época da imigração tinham preconceito em relação aos japoneses, preconceito este resumido em mistificação. Isso porque até então nenhuma das duas culturas haviam se cruzado. Em Goiás, chegavam os primeiros trinta imigrantes no ano de 1929 na cidade de Anápolis. O interesse pelo cultivo do café motivou estes imigrantes a se dirigirem em direção ao município goiano. Na Vila do Cerrado, atual Nerópolis, houve instalação de famílias que residem neste local até os dias atuais. Mais de 80 anos depois, a presença de asiáticos pelo estado de Goiás é bastante perceptível, não somente devido à imigração ocorrida no começo do século XX, mas também devido à mão de obra urbana que motivou descendentes de japoneses deixarem seus estados de origem e começar uma vida nova no Centro-Oeste.

Conforme o site Imigração Japonesa (2018), a necessidade de mão-de-obra nos cafezais brasileiros e a crescente população juntamente com o desemprego no Japão, fez com que mais de 700 japoneses deixassem sua terra natal para buscarem uma estadia confortável no Brasil, a fim de trabalhar nos cafezais e, logo após juntarem uma quantia significativa de dinheiro, retornarem às suas raízes.

Após o ocorrido, os japoneses passaram a ver o Brasil como provedor de matéria prima e lucro. A primeira embarcação saiu do Porto de Kobe e chegou ao Porto de Santos, no navio Kasato Maru, numa viagem que durou 52 dias. Muitos japoneses foram para a capital paulista, enquanto outros partiram para fazendas espalhadas pelo interior do estado de São Paulo.

Trabalho com a hipótese de que existe uma necessidade de autoridades investirem mais na patrimonialização de culturas oriundas de outros povos que hoje fazem parte do cotidiano goiano.

É necessária a implementação de um espaço de memória, como um Centro de Memória Virtual, por meio do qual seja possível divulgar tais ações como forma de valorizar a luta árdua que os japoneses enfrentaram para chegar até Goiás e dentro do estado. A ideia de que a

cultura oriental não é presente no estado é errônea, pois em 2010 a população total de asiáticos em Goiás era de 100.797 (IBGE, 2010).

A alimentação goiana, até meados de 1930, era baseada no consumo de arroz, feijão, mandioca e milho. Mas, com a chegada dos imigrantes japoneses a Goiás, sensíveis mudanças ocorreram na gastronomia local. Assim aconteceu com Nerópolis. No final da década de 1940, as famílias Massuda e Yoshida iniciaram a venda de verduras cultivadas nos arredores da cidade. A família Massuda montou uma banca próxima de onde hoje está o Grupo Escolar José Valente, e Torao Yoshida, por sua vez, logo deixou a venda ambulante da produção de suas hortas para firmar comércio em uma banca na praça da matriz, aos domingos pela manhã. Estavam lançadas, assim, as bases da tradicional feira de domingo de Nerópolis (LIMA, 2011).

Minha proposta consiste na criação de um museu virtual que divulgue as relações de sociabilidade desenvolvidas pela comunidade japonesa no Kaikan, clube poliesportivo ligado à Associação Nipo-Brasileira do Estado de Goiás, cujo objetivo consiste em ampliar a comunicação das atividades ali desenvolvidas, procurando despertar a curiosidade e a vontade do público como forma de atraí-los para os eventos culturais ali realizados.

Neste museu virtual será aplicado um tipo de site de museu, intitulado Museu no mundo virtual, no qual contém informações detalhadas sobre o acervo, visitas virtuais, projetando a instituição física na virtualidade, apresentando sua reserva técnica e exposições, as bases dos dados de acervo, datas de eventos, jantares típicos, história do Kaikan, entre outros. Este conceito de museu foi aplicado por Piacente (1996).

A ideia de construir novas narrativas é também detalhar a chegada dos primeiros japoneses em Goiás, posteriormente em Goiânia, pois alguns desistiram do campo e vieram para a nova capital do Estado investir no varejo e indústria. O desbravamento de uma nova etnia que estava prestes a se inserir na sociedade goiana, marcando a história de Goiás e de seu desenvolvimento.

Todos os dados, históricos, narrativas e histórias contadas por japoneses, filhos, netos e bisnetos estariam disponíveis no museu virtual, como uma forma de contato mais próximo entre a população que desconhece tal história e passasse a valorizar a história de sua cidade, pois, com certeza, a história de luta e desbravamento dos japoneses no Centro-Oeste não foi retratada em livros escolares do Estado de Goiás.

Este museu virtual servirá como um grande suporte e auxílio para o Kaikan, podendo conter informações em português, japonês e inglês, além de atividades interativas para

crianças, aproximando-as mais ainda e aumentando sua necessidade de ir ao Kaikan e até mesmo de se afiliar como membro dele.

Segundo o autor Antonio Carlos Gil, em seu livro intitulado “Como elaborar projetos de pesquisa”, a pesquisa é um procedimento racional que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos e é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. A pesquisa desenvolve-se em um processo que dispõe de inúmeras fases, desde a formulação até a boa apresentação dos resultados (GIL, 2002).

O trabalho a ser desenvolvido nos próximos capítulos trata-se de pesquisas documental e bibliográfica, as quais são bem semelhantes, porém com algumas pequenas diferenças.

Essa monografia se estrutura em dois capítulos. Para o primeiro capítulo adotamos a metodologia da pesquisa bibliográfica. A pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem um tratamento que se realiza por meio de análise. Já a pesquisa bibliográfica se utiliza das contribuições de diferentes e inúmeros autores sobre determinado assunto (GIL, 2002). Buscamos embasamento teórico<sup>1</sup> que discute a conceituação de “Centros de Memória” e “Museus Virtuais”.

No segundo capítulo, a metodologia adotada consistiu na pesquisa documental, por meio da qual será possível construir uma narrativa sobre a história da imigração japonesa em Goiás em diálogo com alguns membros da Associação Nipo-Brasileira do Estado de Goiás. Em um primeiro momento, discutirei a visão de alguns autores sobre a imigração japonesa para o Brasil e em Goiás. Em seguida, apresento a história da consolidação do Kaikan na sociedade ressaltando sua importância no que diz respeito à divulgação da cultura japonesa no estado. Finalmente, apresento o projeto de criação do Centro Virtual de Memória da Cultura Japonesa em Goiás.

Ressalto que não é minha intenção esgotar o assunto, pois acredito que o conhecimento está em construção e as pesquisas realizadas não conseguem responder a todas as questões propostas.

---

<sup>1</sup> TEIXEIRA, Robson da Silva. Museu virtual: um novo olhar para a informação e comunicação na museologia. In: *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.19, n.4, p.226-238, out./dez. 2014.

## CAPÍTULO 1

### Imigrações e espaços de memória

O Brasil é um país composto de várias culturas, povos, etnias e tradições. Com Goiás não é diferente, por estar no planalto central, torna-se uma região de fácil acesso que facilita a locomoção. No século XIX, com a vinda de imigrantes para o Brasil, muitos viram Goiás como fonte de uma possível renda e de qualidade de vida.

A ferrovia que ligava Goiás aos demais estados facilitou a vinda de imigrantes de vários países, entre eles, o Japão. As propagandas de cultivo do café, da soja, do investimento na agricultura impulsionaram a chegada dos primeiros japoneses a Anápolis e região. Rapidamente Goiás foi se tornando lar de muitas famílias esperançosas de que o lucro gerado aqui, as levaria de volta ao país de origem, porém não saiu como o esperado.

A terra seca e o clima do cerrado não eram propícios para o plantio do café, o que levou muitos japoneses a voltarem para São Paulo, enquanto outros permaneceram aqui e passaram a investir no cultivo de hortaliças, comércio e metalúrgica.

A cidade de Nerópolis foi colônia dos japoneses até a construção de Goiânia, que abriu portas para muitos imigrantes e seus filhos. Foi nesse período que começou, então, uma nova narrativa na cultura goiana.

#### 1.0 Imigração japonesa no Brasil

Em 1908, desembarcava no Porto de Santos o navio Kasato Maru, dele, 781 japoneses desembarcaram rumo as terras brasileiras, o principal destino foi o interior de São Paulo. O objetivo dos orientais em terras brasileiras era a colheita de café, que nas propagandas feitas pelo Governo brasileiro descreviam o café como “a árvore que dá ouro”.

Esperançosos com a cafeicultura no Brasil, os japoneses tinham a intenção de gerar lucro e voltar para o Japão. Para exemplificar mais, o fator crucial que trouxe os japoneses ao Brasil foram dois fatores que se encaixaram perfeitamente para uma imigração em massa, a escassez de emprego no Japão, que passava por uma forte crise, e a falta de mão de obra no Brasil, já que o país havia acabado de abolir a escravidão e não houvesse quem tivesse experiência com a colheita. Essa imigração se deu em virtude do Tratado de Amizade entre os dois países que foi assinado em Paris, no ano de 1895.

Conforme pesquisa feita pelo site *Imigração Japonesa: museus, história e depoimentos*, as “moradias” que eram oferecidas aos imigrantes pelos fazendeiros eram as antigas senzalas

de barro construídas para os negros escravizados, que haviam sido abandonadas e estavam sem limpeza há muitos anos. Não havia água ou instalações sanitárias. Quem quisesse ter iluminação em casa à noite tinha que comprar velas no armazém da fazenda, bem como quem quisesse ter algo para comer – o que se limitava a arroz de sequeiro, feijão, milho, carne ou bacalhau seco, itens que os japoneses mal sabiam como preparar. Ainda segundo o site, os brasileiros não cultivavam verduras ou soja, e os japoneses passaram a improvisar conservas com plantas encontradas no mato, como o picão e o caruru.

Em 1910 chegou o segundo navio, batizado de Ryojun Maru, com 906 pessoas. Após esse navio, mais diversos outros vieram para o Brasil, que em 1914 já totalizava 14 mil japoneses residindo no território nacional.

Havia um sistema chamado “Lavoura de parceria” em que os trabalhadores desmatavam o terreno, semeavam o café e devolviam a área para os proprietários depois de sete anos, quando a segunda colheita estivesse pronta, e em troca ficavam os lucros da primeira safra. Foi assim que muitos japoneses conseguiram comprar pedaços de terra no Brasil, facilitando sua permanência no país. Outro motivo que fez com que os japoneses ficassem foi a ascensão da Primeira Guerra Mundial. Após o final da Guerra, 164 mil japoneses vieram para o Brasil.

O fracasso da alocação de imigrantes como mão-de-obra assalariada em fazendas de café levou a uma alteração na forma pela qual se deu continuidade ao processo migratório. Aproveitando a onda de expansão desenvolvimentista para o interior que então ocorria no Brasil, a partir de 1910 as empresas de emigração japonesas passaram a comprar grandes áreas de mata virgem para instalar as *shokuminchi* (colônias ou núcleos coloniais). (HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO, PARTE 2)

## 1.1 Imigrações em Goiás

Em Goiás, ocorreram imigrações de pessoas oriundas de outros continentes, é importante enfatizar aqui a pluralidade cultural presente no estado, e de que a construção da identidade goiana não se deu do sertão ou da cultura sertaneja, mas sim por um conjunto de povos já presentes em Goiás e de imigrantes.

Não foi somente a imigração japonesa que contribuiu para o impulsionamento do estado de Goiás, o fim do século XIX e início do século XX foram marcados também pelas imigrações italiana e árabe.

No ano de 1895, segunda metade do século XIX, chegavam os primeiros imigrantes italianos em busca de trabalho e dinheiro. Em 1912 os italianos seguiam rumo à região de Nova Veneza, em Goiás.

As famílias permaneceram residindo na mesma casa até o momento em que a situação apresentasse sinais de melhora. Em melhor situação financeira, com os novos nascimentos e conseqüente aumento do núcleo familiar fez-se necessário a separação das terras e construção de novas moradias. A fazenda foi dividida entre todos os familiares e logo o lugar ficou conhecido como “Colônia dos Italianos”. A colônia passou a receber um número maior de famílias entre elas os Costantinos, os Peixotos e os Boscos. (AMORIM, Wilma Melhorim de. “Estratégias de sobrevivência: famílias de imigrantes italianos em Nova Veneza”. In: *Ateliê Geográfico*, nº 3, pg 166, 2008).

Os árabes pisaram no solo goiano no fim do século XIX, com um fluxo maior na década de 1920.<sup>2</sup> As famílias que chegavam em Goiás buscavam se instalar ao longo da Estrada de Ferro<sup>3</sup>. O fator econômico e os laços de parentesco são dois motivos para a vinda de árabes ao estado.

## 1.2 A ressignificação identidade goiana

Para entendermos o contexto discutido na presente monografia, é importante salientar grandes momentos da história de Goiás que foram cruciais, de certa forma, para a criação de uma identidade cultural. Proferir-se em relação à cultura de determinada região exige cuidados minuciosos, pois toca na identidade coletiva de pertencimento àquele local. Questões como desastres e divisão territorial abalaram as estruturas culturais do goiano, por isso foram tratadas com rigoroso cuidado bibliográfico. Além de ser um estado multicultural, sua população cresceu com o passar dos anos construindo este imaginário, isso conta também com a presença de imigrantes de vários países do mundo e seus sucessores que fizeram e fazem parte do coletivo goiano.

Tratar de história em meio ao campo museológico é uma tarefa que consiste em detalhar ganhos e perdas de um povo, analisar sua história e verificar seus patrimônios. A década de 1990 foi conturbada para Goiás, que há pouco sofreu o maior acidente radiológico do planeta, mais conhecido como “Césio 137”, na capital, Goiânia. Não bastasse a imagem insatisfatória que Goiás sofreu em relação às demais unidades federativas, em seguida teve seu território dividido em duas partes, o norte de Goiás passou a se tornar o estado do Tocantins, por meio da Constituição de 1988, que se concretizou em 1989.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> SEBBA, Maria Aparecida Yasbec. “O árabe em Goiânia – sua vida aqui”. In: *Revista UFG*, nº 10, 2011.

<sup>3</sup> As cidades por onde a Estrada de Ferro passava no sudeste goiano são Cumari, Goiandira, Ipameri, Catalão, Roncador, Pires do Rio, Vianópolis, Silvânia, Leopoldo de Bulhões, e depois Anápolis e Goiânia. (NUNES, 2000).

<sup>4</sup> SOUZA, Rildo Bento de. Por uma identidade cultural para Goiás: uma análise da revista *Goianidade* (1992). In: *Revista de História Regional*, nº 2, 2017.

O desastre radiológico em Goiânia provou transtornos culturais, políticos e econômicos. Tal fato impactou diretamente na identidade da população goiana, os sentimentos de pertencimento ao local, aos costumes, à tradição foram debilitados.<sup>5</sup>

Diante deste cenário, o ideal de cidade que foi concebido pelo Interventor Cultural Pedro Ludovico Teixeira, para a criação de Goiânia, retornou para uma “purificação” da imagem do estado. Plantações de árvores, criação de grandes parques e praças, qualidade de vida, visavam dispor Goiânia no mapa brasileiro como uma das mais belas capitais do Brasil. Esta nova imagem de Goiânia surgiu como uma forma de acalento para o estado que, ao passar dos anos, foi ressignificando de identidade.

### **1.3 Centro de memória**

#### **O que é um Centro de Memória?**

O centro de memória é um ambiente de proteção do patrimônio de uma instituição. É também um setor que tem como objetivo reunir, estruturar, conservar e executar temática a partir da memória da instituição, no caso, a presença dos primeiros japoneses em Goiás, presente na documentação histórica do meio institucional, o Kaikan de Goiás.

De acordo com Itaú Cultural (2013), a década de 1970 foi o grande estopim para o Centro de Memória, momento em que ocorriam ações de proteção e organização do patrimônio documental nacional. Os centros de memória têm ganhado dimensão e forma a partir dos anos 2000 como artifício de preservação de memória de entidades, museus e afins.

Um dos papéis do Centro de Memória é dar força à instituição no que se diz respeito ao seu compromisso com a sociedade e a história. É a partir do patrimônio histórico que se determina uma comunicação com a sociedade, colaborando para o fortalecimento da instituição, trazendo novos valores e princípios e ressignificando atribuições às histórias e objetos expostos em determinada instituição.

Se a cultura organizacional de uma instituição é a base sobre a qual se estabelece um Centro de Memória, é essencial que haja comprometimento da alta direção com o trabalho de preservação da memória. A partir desse engajamento, os demais funcionários compreenderão a importância da

---

<sup>5</sup> A antropóloga Telma Camargo da Silva analisou o contexto social goiano na época do acidente. Tal preconceito contra a sociedade goiana foi tão forte que até mesmo conferências que haviam sido marcadas em Goiânia foram cancelados, cidadãos goianos recusados a viajarem, não eram bem vistos e os recursos do governo foram canalizados. (SOUZA, Rildo Bento de. “Por uma identidade cultural para Goiás: uma análise da revista Goianidade (1992)”. In: Revista de História Regional, n° 2, 2017).

existência de um Centro de Memória e sua aplicabilidade, no presente e no futuro. (ITAÚ CULTURAL, 2013)

#### **1.4 Hipótese de um Centro de Memória ou Museu Virtual japonês em Goiânia**

A hipótese criação de um centro de memória oriental em Goiânia seria de extrema importância para a população e de interesse cultural, afinal, trata-se de imigração, luta, força, coragem. Um centro de memória com fotografias, histórias, textos que executem bem a cronologia da colonização japonesa no estado de Goiás.

Os objetivos da criação do centro de memória são a preservação da identidade oriental no Centro-oeste. O Kaikan de Goiás é um dos melhores e mais completos do Brasil, porém a cultura sertaneja acaba criando um estereótipo no estado, deixando as outras culturas e povos que cooperaram muito com o crescimento e desenvolvimento de Goiás, de lado.

O Kaikan levou décadas para ser o que é hoje, imaginemos então um museu virtual nos dias atuais. Difícil, mas não impossível, é válido e justo fazer jus à luta daqueles japoneses que chegaram aqui e se depararam com mentiras e situações de escravidão. Foi difícil, mas não impossível. Trabalharam na agricultura, logo vieram para a capital e aqui abriram seus respectivos negócios, desfilavam em eventos como no famoso 24 de outubro, no bairro Campinas, no aniversário de Goiânia.

Atualmente a população que se considera amarela na cidade é de 1,68%, segundo dados do censo de 2010 do IBGE. O que a cultura oriental representa para eles? O que a mesma cultura representa para a população que, de alguma forma, admira o modo de vida oriental? Por que promover um evento somente uma vez ao ano se um centro de memória pode passar informação sobre tal cultura todos os dias em um espaço voltado para isso.

O Kaikan situa-se em uma localização crucial próxima à BR-153 e saída para Nerópolis, o que facilita o acesso de pessoas interessadas em participarem de seus eventos, jantares e do famoso Bon Odori.

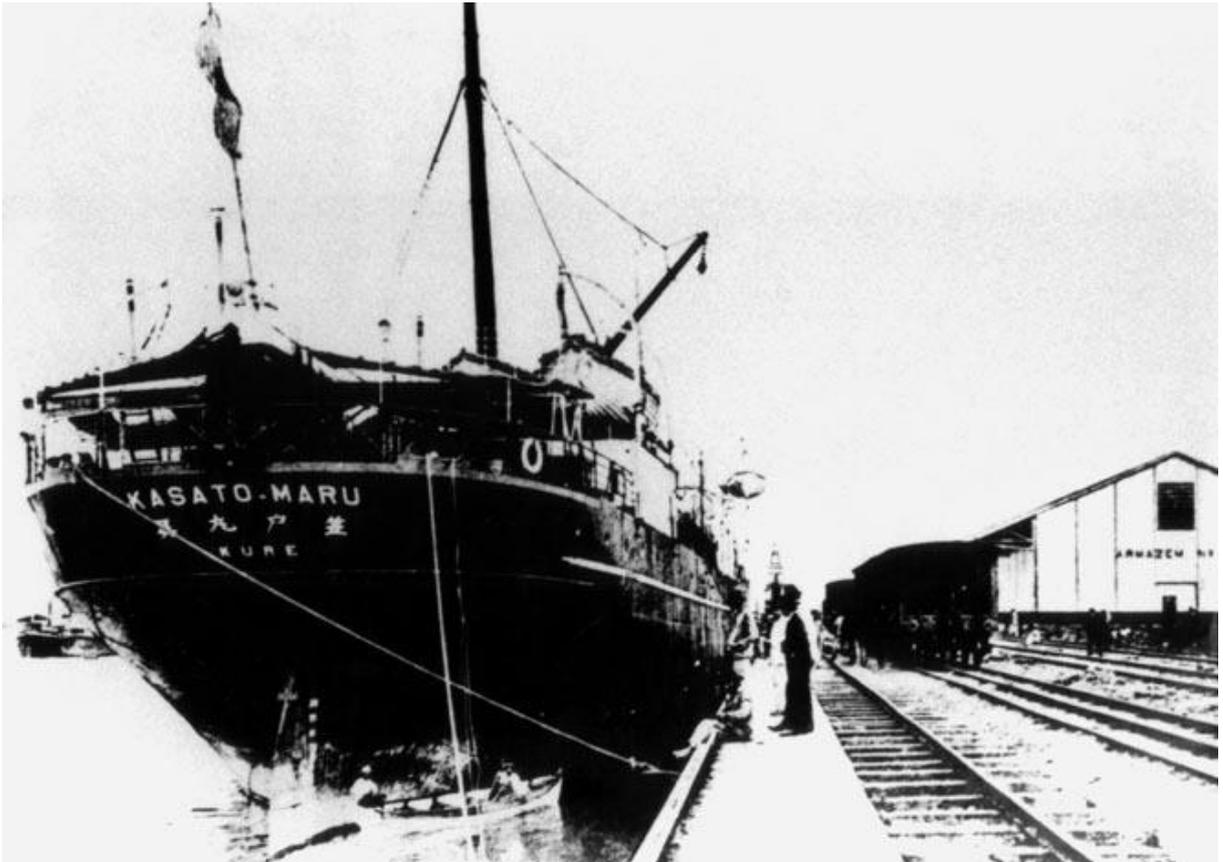
## Figuras



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_japonesa\\_no\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_japonesa_no_Brasil)

### Figura 1. Cartaz de propaganda.

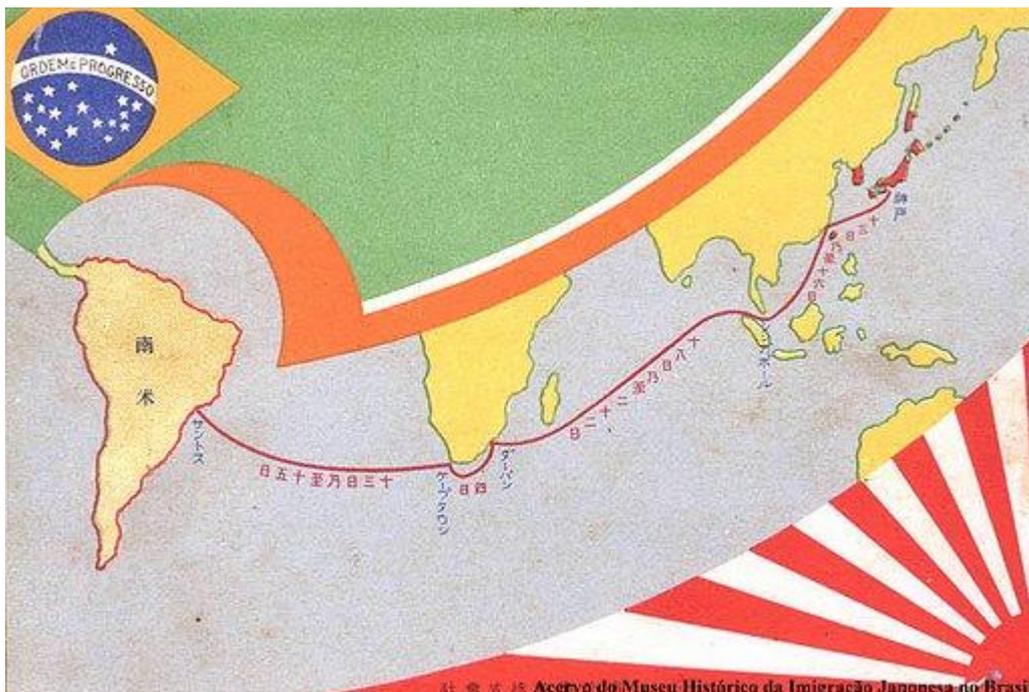
Uma propaganda para atrair imigrantes a América do Sul. No cartaz está escrito “Vamos lá, com a família inteira, para a América do Sul”. Várias empresas investiram em propaganda para incentivar a imigração japonesa no Brasil, todas exaltando a América do Sul e o Brasil como terras prósperas para o cultivo do café e investimentos.



Fonte: <https://okinawando.wordpress.com/2018/06/18/kasato-maru-o-primeiro-navio-a-trazer-imigrantes-japoneses/>

### **Figura 2. Kasato Maru**

Na imagem, o Navio Kasato Maru, o primeiro navio que trouxe ao Brasil 781 japoneses. O navio partiu do Porto de Kobe, no Japão no dia 18 de junho de 1908. O navio é um marco simbólico para os descendentes, já que foi o pioneiro a fazer uma viagem tão longa, de ponta a ponta. Há, no Museu da Imigração Japonesa no Brasil, uma miniatura do navio em exposição de longa duração. Todos os detalhes podem ser percebidos perante os olhos de quem visualiza, é uma pequena réplica que representa grandes e antigos sonhos.



Fonte: <http://memoriasantista.com.br/?p=1993>

### Figura 3. Rota da viagem para o Brasil.

Nesta imagem pode-se ver o traçado da rota que os navios japoneses fizeram rumo ao Brasil. Percebe-se que todos eles passavam por Singapura, África do Sul, atravessavam o Oceano Atlântico e chegavam ao país.

### 1.5 O Bairro da Liberdade

O bairro da liberdade, localizado na região central da capital paulista, foi fundado em dezembro de 1905. A presença dos japoneses no bairro se iniciou em 1912, na Rua Conde de Sarzedas. Como os imóveis nessa rua dispunham de porões e os aluguéis nos quartos do subsolo tinham preços absurdamente acessíveis, logo os isseis (primeira geração de japoneses) ali se instalaram. Tratando-se de um bairro central, o deslocamento para o trabalho se tonava mais fácil.

Não demorou muito para que atividades comerciais começassem a se manifestar, como hospedaria, empório, uma casa que produzia tofu (queijo de soja), uma outra que produzia manju, um doce típico do Japão, bem como instituições que ofereciam empregos, gerando, assim, a “rua dos japoneses”.

O tempo foi passando e cada vez mais japoneses encontravam oportunidades no bairro, o comércio na região foi crescendo e ali os orientais se estabeleceram definitivamente. No ano

de 1953, Yoshikazu Tanaka estreou na Rua Galvão Bueno, uma das principais ruas do bairro, uma edificação com cinco andares, que contava com salão, hotel, restaurante, e um amplo salão de projeção no térreo, com capacidade para 1500 pessoas, denominado como Cine Niterói. Eram exibidos, semanalmente, diversos longas produzidos no Japão, como uma forma de distração e divertimento para os japoneses de São Paulo. Em 1964, foi implantado o edifício da Associação Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyô), onde hoje se encontra o Museu Histórico da Imigração Japonesa.

Atualmente o bairro é composto, em sua maioria, por japoneses, chineses e sul-coreanos, o estilo arquitetônico do bairro é brutalista e orgânico (incluindo a arquitetura oriental). De acordo com o censo de 2013, o bairro possuía 218.310 habitantes, sendo 65% japoneses.

Nas ruas do bairro há inúmeros mercados japoneses, onde se vendem produtos advindos da terra do sol nascente. Na pesquisa de campo, foi observado um grande número de fregueses orientais fiéis dos mercados, com idade média superior a 40 anos. Sua grande maioria conversava entre eles em japonês. Na Rua Galvão Bueno há inúmeras lojas onde se vendem produtos orientais decorativos, restaurantes típicos e karaokês que geralmente funcionam à noite.

O budismo é uma das principais religiões do bairro, contando com templos que estão abertos durante o dia, fato que prova que muitos japoneses e descendentes são ainda fiéis à religião praticada no Japão. É comum ver lanchonetes, redes de fast-food, bancos, cafeterias e salões de beleza com suas fachadas escritas em japonês.<sup>6</sup>

O idioma japonês é especialmente falado entre as pessoas mais velhas, os jornais japoneses que circulam pelo bairro têm um público fiel e este mesmo público são idosos. Na rua Galvão Bueno, já na altura da Praça da Liberdade, há um viaduto com bancos para turistas se sentarem e desfrutarem da vista da movimentada Avenida Leste-Oeste.

Como pôde ser observado acima, os japoneses e seus descendentes têm muito apreço pela cultura oriental, desse modo, no bairro há festas típicas durante o ano todo. Em janeiro é comemorado o Ano novo chinês, em abril acontece o Hanamatsuri, que é o festival das flores, desempenhado juntamente com a Federação das Seitas Budistas. Em junho acontece o campeonato de sumô da Liberdade. O Tanabata Matsuri, festival das estrelas, ocorre em julho, quando todas as ruas do bairro são decoradas com bambu e grandes enfeites de papel que simbolizam as estrelas, o evento ocorre em conjunto com a Associação Myagui Kenjikai.

---

<sup>6</sup> Cidade de São Paulo concentra o maior número de templos budistas no Brasil. CULTURA JAPONESA. Endereço de templos budistas no Brasil. Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/index.php/religiao/lista-de-templos-budistas-no-brasil/>>.

Em dezembro acontecem dois eventos, o Toyo Matsuri, contando com apresentação de demonstrações culturais do oriente e Festival Moti Tsuki, sempre no 31 de dezembro, que é o Festival de fim de ano, nesse evento, o arroz é colocado em um pilão e socado para a elaboração do moti, que significa bolinho de arroz em japonês, e depois oferecido às pessoas para dar boa sorte.

### **1.6 Museu Histórico da Imigração Japonesa**

O Museu foi construído no intuito de realizar uma comemoração em relação aos 70 anos da imigração japonesa. Cinco anos antes disso, no ano de 1973, foi inserida na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa a Comissão de Material Histórico da Colônia. No ano de 1976, a Comissão de Construção do Museu Histórico da Imigração Japonesa, começava a partir para a corporificação do plano. Optou-se pela edificação do Museu na obra maior das festividades dos 70 anos.

O Museu foi introduzido em dois andares do edifício do Centro Cultural ampliados no momento. A instituição tem 950 m<sup>2</sup> de ambiente para exposições e outros 500 m<sup>2</sup> para departamento de acervo histórico e depósito. Sua obra teve apoio do governo japonês e cooperações de particulares, doação da Associação de Desenvolvimento de Navegação do Japão e coleta feita na colônia.

A instituição teve sua percepção total a cargo do Prof. Tadao Umesao, então diretor do Museu Nacional de Etnologia do Japão; o detalhamento realizado pelo Prof. Hiroshi Sato, sendo seu primeiro diretor. A estruturação e obra ficaram a cargo da firma Tanseisha, experiente em construções de museus no Japão.

Com todo esse cuidado e bom planejamento e execução desde a elaboração e organização, o Museu dispõe de um refinado ambiente de exposição. Há também um dispositivo de projeção com tela múltipla.

### **1.6 Jornais Nikkei no Brasil**

No ano de 1988 havia três jornais diários da colônia, eram eles: São Paulo Shinbun lançado em 12 de outubro de 1946, Jornal Paulista em 1º de janeiro de 1947 e o Diário Nippak em 1º de janeiro de 1948. Demais jornais foram veiculados, além de um outro noticiário que fora lançado no pré-guerra e que retornou por um tempo, contudo não obteve seguimento.

Os vínculos da colônia Nikkei com sua imprensa exibem diversas particularidades. Até a década de 1970, época que era generalizada a utilização de avião nas viagens entre Brasil e Japão, a colônia se compunha de uma comunidade mais fechada. O acesso a comunicação com o Japão era longo, noticiários e revistas eram transportados em navios do Japão rumo ao Brasil e levavam cerca de três meses para chegar na América do Sul.

Contudo, como consequência do decréscimo dos imigrantes isseis, cresce o número de nisseis e saneis que não leem nem falam o idioma japonês. Enfraquece-se a premissa de ser e o poder de ingerência dos noticiários em idioma japonês. Foi mantida uma pequena seção do jornal em português, resumindo todos as notícias que estão em japonês, em português em uma ou duas páginas. Porém os nisseis e saneis desfrutam de noticiários mais amplos, que são os jornais brasileiros.

Desde alguns anos, importantes jornais do Japão imprimem suas edições internacionais utilizando satélites, possibilitando sua leitura quase sem diferença de fuso horário. Destarte, reduz-se muito até mesmo a dependência de funcionários de empresas nipônicas aqui estabelecidas da imprensa Nikkei. (...). É perfeitamente previsível a mesma marcha no caso da imprensa da colônia Nikkei do Brasil, a não ser que ela encontre um caminho novo para sua sobrevivência. (NAKASUMI, Testuo; YAMASHIRO, José)

### **1.7 Os japoneses buscam oportunidades em Goiás**

Em meados da década de 20, circulavam nos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro propagandas de terras com preços mais baixos em Goiás, o que motivou muitos japoneses a se deslocarem rumo ao Centro-Oeste. A intenção da prefeitura de Anápolis de instalar 50 famílias japonesas foi divulgada pelo então jornal “A Informação Goyana”, em janeiro de 1930. Porém as propagandas de prosperidade e crescimento não eram verídicas na prática, pois a terra é seca nessa região, o que não favorecia o cultivo de café. Muitas famílias voltaram para São Paulo, enquanto outras permaneceram em municípios e vilas goianas. Estas que permaneceram dedicaram-se ao cultivo de soja, arroz e café, em Pires do Rio os japoneses iniciaram o cultivo de hortaliças com objetivos comerciais. (MOTA, 2008, pg 37)

Os principais destinos dos japoneses em Goiás foram Anápolis, Inhumas, Goianápolis e Cerrado (atual Nerópolis), aqui eles se instalaram com seus próprios recursos em 1929. A primeira colônia (*shokuminchi*) em Goiás nasceu em Anápolis. Em virtude do caráter particular e espontâneo que revestia a instalação da colônia japonesa, seus integrantes não contaram com qualquer apoio por parte do Governo do Estado. (MOTA, 2008, pg 41)

Nestas regiões, as famílias instalaram-se como arrendatários de terras cultiváveis, sendo que, algumas conseguiram comprar pequenas áreas.

Foram compras feitas a particulares segundo informações dos descendentes de diretos, filhos, entrevistados. (MOTA, 2008, pg 36)

Os imigrantes japoneses, a princípio não foram dotados de doações das áreas, a qualidade das terras que foram adquiridas prejudicava os testes de cultivo que foram principiadas. O clima seco do cerrado durante o inverno prejudicava o cultivo de café, do mesmo modo que a terra em Goiás não é própria para o café. Muitas famílias japonesas passaram por grandes dificuldades devido à falta de estrutura em suas moradias e as péssimas condições de trabalho.

Para entender melhor o porquê dessas condições de trabalho em Goiás, segundo o livro Uma epopeia moderna, o cerrado brasileiro conta com uma área de 180 bilhões de hectares e se estende pelos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Maranhão e Piauí, possuindo cerca de 20% do território brasileiro.

A pluviosidade anual tem uma média de 1500 mm, porém há regiões que contam com mais de 2000 mm de chuva por ano, sendo esse o caso de Goiás. Havendo um período de seca entre abril e setembro. Praticamente 90% é de solo ácido, com escassez de fundamentos básicos. A capacidade de contenção de umidade pelo solo é baixa. Trata-se, por tanto, de um solo pobre, principalmente no que se refere ao cultivo do café.

Muitos japoneses deixaram Goiás ou partiram para outras cidades goianas, fazendo o cultivo de outros tipos de alimentos. Uma das grandes perdas foi uma forte geada que estragou todo o cultivo que aqui havia, levando sonhos e esperança, dias de muito suor e trabalho por água abaixo.

É perceptível que muitos imigrantes conseguiram adquirir certa quantidade de hectares, conseguindo até mesmo a tornarem-se grandes empresários agrícolas, como no caso do japonês Takayuki Maeda iniciou seus trabalhos em Ituerava, no interior de São Paulo, onde sua família comprou sua primeira fazenda a década de 40. Logo após obteve uma máquina de algodão nesta cidade em 1974 e outra na cidade goiana de Itumbiara, no ano de 1975. Maeda obteve notabilidade, sendo conhecido como “Rei do algodão”, Reputação desonrada em 1980 com uma concordata. Muito embora Maeda tenha diversificado seus investimentos com milho, soja e pecuária, o grupo fabricava especialmente o algodão. Em 1987 iniciou a execução de uma fábrica de óleo de caroço de algodão em Itumbiara, para aprimorar a produção. Alguns anos depois, a Maeda S.A. Agroindustrial se dedicou no investimento em uma estrutura para produção de gordura vegetal hidrogenada.

Os japoneses migravam cada vez mais para as cidades, em sua maioria pequenas, abrindo botequins, arrecadavam capital passavam à fase de armazém de secos e molhados. Desse

modo, passariam a intermediar produtos agrícolas. Enquanto outros começaram a cultivar hortaliças e vender produtos nas cidades.

### **1.8 A imigração japonesa em Goiás**

Agências brasileiras de propagandas investiam em promessas falsas, como o café por exemplo: este era descrito como a “árvore que dá ouro”.<sup>7</sup> Isso tudo com o intuito de atrair mais japoneses ao Brasil. O contratante brasileiro se comprometia em dar moradia para as famílias, porém não era especificada a condição da moradia no contrato de imigração, o mesmo acontecia com a alimentação, na qual não era explicado o “sistema de armazém” que literalmente explorava os imigrantes, até que estes já estivessem nas fazendas.

A plantação de café, porém, foi uma atividade desastrosa para os agricultores que, além de não contarem com a técnica básica necessária para o plantio inicial, descobriram que o solo não tinha características favoráveis que imaginavam ter. No final dos anos 30, para piorar a situação, foram surpreendidos por uma forte geada que inviabilizou o andamento de novos investimentos. Com isso, muitas famílias acabaram partindo para outras localidades.

As moradias das primeiras levas de imigrantes eram senzalas e casas de barro ou madeira que foram construídas pelos escravos no século XIX, e já estavam abandonadas há anos, sem nenhum tipo de higiene, luz e instalações sanitárias. Para se ter iluminação, havia de se deslocar até um armazém da fazenda para comprar velas.<sup>8</sup>

A principal abordagem deste projeto é trazer para o presente, a história de luta que os Isseis (primeira geração de japoneses no Brasil) enfrentaram e o que os motivou a vir para o Cerrado. Segundo a Associação Nipo Brasileira de Goiás, a imigração japonesa em Goiás foi de grande importância para a cidade de Nerópolis, pois estes ajudaram no negócio agrícola da cidade. Anápolis também foi palco de muito trabalho oriental. Alguns anos depois, em 1959, foi fundado do Kaikan (“auditório”, salão ou galpão que funciona como sede da comunidade japonesa) em Goiânia.

---

<sup>7</sup> Cooperativas investiam em propagandas para atrair imigrantes. (IMIGRAÇÃO JAPONESA: MUSEUS, HISTÓRIA E DEPOIMENTOS. História da imigração – parte 1. Disponível em: <<http://www.imigracaojaponesa.com.br/index.php/nossa-historia/historia-da-imigracao-parte-2/>>).

<sup>8</sup> Estas foram as primeiras moradias dos japoneses, porém logo com o pouco lucro que geravam, eles passaram a construir moradias com estrutura adequada. (IMIGRAÇÃO JAPONESA: MUSEUS, HISTÓRIA E DEPOIMENTOS. História da imigração – parte 2. Disponível em: <<http://www.imigracaojaponesa.com.br/index.php/nossa-historia/historia-da-imigracao-parte-2/>>).

O eixo Goiânia-Nerópolis-Anápolis é onde há a maior concentração de japoneses, com mais de 500 famílias de origem asiática. É no Kaikan de Goiânia que é celebrado todos os anos, no mês de agosto, a vinda dos japoneses para Goiás, e é um “ponto de encontro” de famílias orgulhosas que recordam de seu passado e compartilham sua cultura com admiradores e curiosos de uma comunidade que valoriza suas tradições.

### **1.9 O surgimento do Kaikan em Goiás**

Como foi relatado acima, muitos japoneses se dedicaram à agricultura, principalmente no cultivo de verdura e hortaliças. Outros se mudaram e estabilizaram em Anápolis e em Inhumas. O intuito maior sempre foi proporcionar às suas crianças um conhecimento escolar para que eles não passassem por apuros como seus pais passaram ao trabalhar no interior. Um grande símbolo dos japoneses é o espírito de agrupamento e fez com que muitas famílias que iam para Goiânia iniciassem suas reuniões em dias comemorativos das festividades típicas do Japão.

Os encontros aconteciam em sítios das famílias que desfrutavam de um maior poder aquisitivo, como as famílias Ofuji e Iwamoto. Eram praticadas festas de início de ano (oshôgatsu), o aniversário do Imperador (tenkioetsu), gincanas de esportes (undôkai) e contava com a presença de famílias de outras cidades como Anápolis, Inhumas, Nerópolis, Trindade e Ceres.<sup>9</sup>

A crescente demanda de residentes em Goiânia fez com que a sociedade japonesa se sentisse na obrigação de obter um espaço adequado para os encontros sem as delimitações dos sítios. Nascia, então, uma concepção de originar uma associação dos isseis e seus filhos.

Foi adquirido um terreno no Setor Oeste, onde foi edificada a sede, composto por um salão, uma cozinha e um escritório. Na nova sede já pronta, afora os eventos já apontados, eram realizados matrimônios, festa de formandos, bailes, carnaval, tênis de mesa e judô, esportes praticados no Japão. Um porém, então, surgiu anos após sua inauguração, pois esta área não dispunha de um espaço para que fosse instalada a área esportiva. Em 1959, portanto, com a aquisição de um terreno no Jardim América, foi instituída a sede esportiva com torneios de beisebol, futebol e undôkai. Merece mérito neste parágrafo o primeiro presidente da associação do Kaikan no Setor Oeste, o Sr. Ichiji Iwamoto. Na gestão de 1977, de Kokite Massuda, foi decidida a transição do Kaikan no Setor Oeste para o Conjunto Itatiaia.

---

<sup>9</sup> MOTA, Fátima Alcídia Costa. Meia volta ao mundo: Imigração japonesa em Goiás. Goiânia: ANBG, 2008. Pg 83

A decisão e a efetivação da mudança aconteceram somente quando foi eleito seu sucessor, o Sr. João Yano. Teve uma destacada atuação em benefício da comunidade japonesa de Nerópolis e Goiânia o que fez também merecedor da mais alta comenda do governo japonês para um civil. (MOTA, 2008. pg 92)

Passados 20 anos, a sede do Setor Oeste já não suportava mais o alto contingente de participantes nem as exigências de uma comunidade em crescimento, portanto havia a necessidade de um local mais amplo e estruturado.

Não havia consenso quanto a essa mudança particularmente entre os fundadores que não concordavam com a ideia entendendo que, ao transformar-se em um clube, haveria a possibilidade de perda de identidade e com isso perder-se-ia também a manutenção dos costumes e tradições japonesas (...). Entretanto, com muita dedicação, empenho e trabalho e convencimento conseguiu-se a adesão de uma boa parcela da comunidade possibilitando a aquisição do terreno de mais de 1alqueire no Conjunto Itatiaia. (MOTA, 2008. Pg 93, 94)

Graças a venda da antiga sede no Setor Oeste e também das ações, foi incorporada um novo espaço social contando com mais de 1000 m<sup>2</sup>, com piscina, vestiário e campo de futebol preservando uma grande área direcionada para futuras edificações. No dia 29 de julho de 1979, foi oficialmente inaugurado o novo Kaikan, que permanece no mesmo endereço até os dias atuais.

O jantar típico japonês já é tradição na capital goiana, mas para obter tanto sucesso, contou com o suor de muitos japoneses. Na Festa da Pecuária havia uma barraca do Japão com a finalidade de obter recursos como forma de sustentáculo do Kaikan. Desse modo, Sussumo Taia e sua corporação arquitetaram uma realização de um jantar típico com iguarias japonesas para a comunidade goianiense. Desde então, o jantar típico já é famoso na capital até mesmo para quem acaba de chegar na cidade, tamanha a proporção do Kaikan de Goiás, um dos maiores do Brasil, motivo de orgulho para isseis, nisseis, sanseis e yonseis. O cardápio é completamente nipônico, contando com: sushi, sashimi, yakisoba, nishimê, udon, missoshiru, guiozá, sem falar do famoso sakê.

O festival Bon Odori ocorre todo mês de agosto no Kaikan, e é uma homenagem aos entes queridos já falecidos, contando com danças e comida, incluindo o jantar típico. O festival teve início na gestão de Mitsutake Maeda e, no início, era direcionado ao público interno, ou seja, os associados. Não demorou muito para a festa se expandir e ser estendida ao público externo.

A apresentação de taikô, pelos grupos formados por jovens do próprio Kaikan e de outros Estados, tem sido um ponto marcante no festival. Um outro aspecto marcante é a participação do público em geral nas danças

típicas que são apresentadas pelos grupos de dança. Essa interação torna a festa muito alegre e descontraída. (MOTA, 2008. pg 101, 102)

Devido a sua popularização, a Prefeitura da cidade de Goiânia formalizou o Festival Bon Odori no calendário oficial de eventos da capital. A Escola Modelo de Língua Japonesa em Goiás (*Goiasu Nihongo Moderu kô*) foi inaugurado em novembro de 1988. A construção destaca-se pela estrutura, construída em dois pisos, totalizando 800 m<sup>2</sup>. Em 1999 teve início as atividades escolares. Mas para chegar até o atual modelo, muitos professores de língua japonesa que ensinavam o idioma em salas emprestadas pela Universidade Federal de Goiás ou em propriedades particulares, almejavam por um local voltado somente para a cultura, costumes e idioma japoneses.

No ano de 1979 o Kaikan deu início ao ensino do idioma japonês, seu professor era o Sr. Massaru Higashi. Entretanto, as condições eram desfavoráveis e por pouco mais de dois anos optou-se pelo encerramento das aulas. Diante desse fato nada agradável, o então diretor do Kaikan da época, o Sr. Asaichi Murakami fez uma petição ao Cônsul Geral do Japão, requerendo a construção de uma escola de idioma japonês, mas o pedido não foi previamente atendido.

No ano de 1996, membros da Associação Nipo Brasileira de Goiás tomaram rumo ao escritório da JICA do Brasil levando consigo uma petição que tratava sobre a elaboração de uma escola de idioma japonês. Em março de 1997 foi cedido um requerimento envolvendo as observações de custos para a edificação da Escola Modelo e os fundos de apoio para as aquisições de móveis e insumos necessários. Em 1998 a Associação Nipo Brasileira de Goiás se depara com a notícia da liberação do apoio monetário pela JICA, e para o acréscimo de recursos foram desenvolvidas inúmeras atividades para essa finalidade, bem como: bazar beneficente, jantares e rifas.

A ANBG e a EMLJG muito agradecem ao Sr. Mitsutake Maeda e à sua família pelos ensinamentos de perseverança e garra deixados em sua passagem junto a nós. Infelizmente, em 2002 ele nos deixou, mas em nossos corações sabemos que sua presença será eterna. (MOTA, 2008. Pg 127)

## **CAPÍTULO 2**

### **A virtualidade dos museus e proposta de criação do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás**

Museus virtuais são fundamentos oriundos da cultura digital, que se reúnem e articulam diferentes métodos de compartilhamento de informações. Eles se apresentam como meios que criam uma nova realidade que interage e comunica com o indivíduo. Estão sempre em constante mudança, permitindo o visitante o poder de escolha, intervenção e criação (MUCHACHO, 2005).

O Museu virtual concebe uma instituição nova, criando assim uma realidade paralela, devendo ser vista como um conjunto de novas visões, com o objetivo de reunir conhecimento e criatividade em relação aos visitantes. Afinal, há uma linha tênue entre interatividade e virtualidade, não obstante que a Internet foi criada para tais funções, como criar e difundir novos saberes. E é neste novo modelo de museu que é permitida a intervenção, fugindo da realidade física, onde há limites, onde o visitante deve pisar somente até a linha amarela, para não encostar em determinado objeto. No virtual, o visitante pode até mesmo fazer parte do objeto, dependendo do contexto em que o museu se encaixa.

Segundo Henriques (2004), grande parte dos museus virtuais está mais atribulada em apresentar sua característica virtual via apresentações do que se utilizar de meios que possam vir a potencializar o que a Internet pode oferecer ao grande público.

Portanto, é possível tirar mais proveito sobre o que o virtual tem à nossa disposição, basta realizar uma pesquisa de público, trabalhar com probabilidades, morfogênese, que é a capacidade de se modificar, adaptabilidade, interdependência entre a instituição e o museu virtual.

#### **2.0 O Projeto de criação conceitual do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás**

O projeto do museu virtual enfoca na memória da colonização japonesa no estado de Goiás. Sua intenção é promover estratégias de participação, entretenimento, conhecimento, preservação da história, exposições, vídeos, depoimentos dos primeiros imigrantes que aqui chegaram, entre outros.

A missão do Museu Virtual é preservar e patrimonializar a memória japonesa presente em Goiás, agregando princípios de responsabilidade histórica e social juntamente com seus membros.

O objetivo é induzir internautas e demais pessoas para conhecerem não somente o museu virtual, mas também o Kaikan. A virtualidade da instituição abriria as portas para várias oportunidades, entre elas uma maior procura pelos eventos e maior demanda de pessoas com o objetivo de conhecer e apreciar o que o Kaikan tem a oferecer.

Para Rosali Henriques (2004) em seu artigo *Museus virtuais e cibermuseus: A internet e os museus*, existem três tipos básicos de sites museológicos, são eles: folheto eletrônico, museus no mundo virtual e museu realmente interativo.<sup>10</sup>

Como o Kaikan não se trata de uma instituição museológica, o museu virtual em questão é o Museu realmente interativo, ou seja, através de seu site, o visitante tem a opção de interagir e acessar as atrações expostas, criando assim uma relação usuário-exposição<sup>11</sup>. Segundo Henriques (2004) estes museus mantêm a mesma essência dos museus físicos, porém na virtualidade, e seus objetivos não são necessariamente diferentes.

Partindo da realidade de que não há um museu físico da imigração japonesa em Goiás, mas há o Kaikan, as possibilidades de se criar este museu virtual crescem. Todo o processo foi tratado no presente trabalho, e meu dever como graduando em Museologia é assegurar a continuidade e preservação desta comunidade que tanto ajudou Goiás e Goiânia a crescerem, não somente no campo, mas também no comércio dentro das cidades.

Tudo isso através de um site que permita que o internauta saiba mais sobre a história do estado, que homenageie os fundadores do Clube, um dos maiores do Brasil, que seja uma das bases que sustentem a fama que o Kaikan possui e leva orgulho tanto aos funcionários e afiliados ao clube, quanto aos descendentes de japoneses que vem de outros estados e países para Goiás.

---

<sup>10</sup> Rosali Henriques discute sobre os três tipos de museus presentes na virtualidade, o folheto eletrônico contém apenas informações básicas de uma instituição, o museu no mundo virtual contém informações de exposições, acervos e demais ações museológicas de seu museu físico no site, já o museu no mundo virtual não conta com uma estrutura física, apenas sua interface virtual traz dados, informações e ações museológicas. (“HENRIQUES, Rosali. *Museus virtuais e cibermuseus: a internet e os museus*. 2004”).

<sup>11</sup> MACEDO, Diana Pelosi Silva de; COZZ, Silmara Silvia Mantelli. A realidade virtual na museologia: uma análise das vantagens e desvantagens para o turismo cultural. In: *Revista de Ciências Administrativas*, vol 11, dezembro 2005, pp. 229-240. Universidade de Fortaleza, Brasil.

## 2.1 Processos de formação de um site

O site é um local onde estão reunidas todas as informações sobre determinado assunto, pessoa, objeto, etc, que pode ser acessado por qualquer pessoa que tenha conhecimento sobre seu endereço.

Para construir um site, é necessária uma conexão com a internet na instituição. A rede de computadores deve estar conectada à internet por vários meios de conexão, que variam em estabilidade, praticidade e velocidade.

As formas mais comuns são:

DSL: evolução da conexão por linha discada. Esta não ocupa a rede telefônica durante o uso, tem um bom custo-benefício e é mais rápida.

Cabo: possui a mesma tecnologia de dados da televisão a cabo, esta precisa da utilização de um *modem*.

Wireless (WLAN – Wireless Local Area Network): é a internet sem fio, rede de curto alcance que funciona com ondas via rádio. Para acessar, deve-se ter uma peça que obtenha essas ondas, como os *notebooks*, por exemplo.

3G: é o modo de conexão mais utilizado pelos smartphones, é a terceira geração e tecnologia de celulares e é semelhante à rede wireless.

Roteador: é o objeto que transforma o sinal normal em ondas de rede wireless, permitindo que computadores e smartphones fiquem conectados a internet sem fio.

Acesso remoto: é o acesso de arquivos em um computador por meio de outro. Em um acesso de rede, é permitido que seja acessado a distância. (SEBRAE, 2011)

Diante dessa vasta gama de opções de conexões para a criação de um site, visou criar uma nova realidade para o site da imigração japonesa em Goiás. A seguir, seguirá o passo a passo da criação do site, bem como a plataforma escolhida, os temas e opções diversificados que farão parte do site.

## 2.2 Processo de formação do site do Museu Virtual da Imigração Japonesa em Goiás

Abaixo seguem as imagens com a construção manual do site, incluindo post-it e anotações para a organização inicial do ideal do museu virtual.

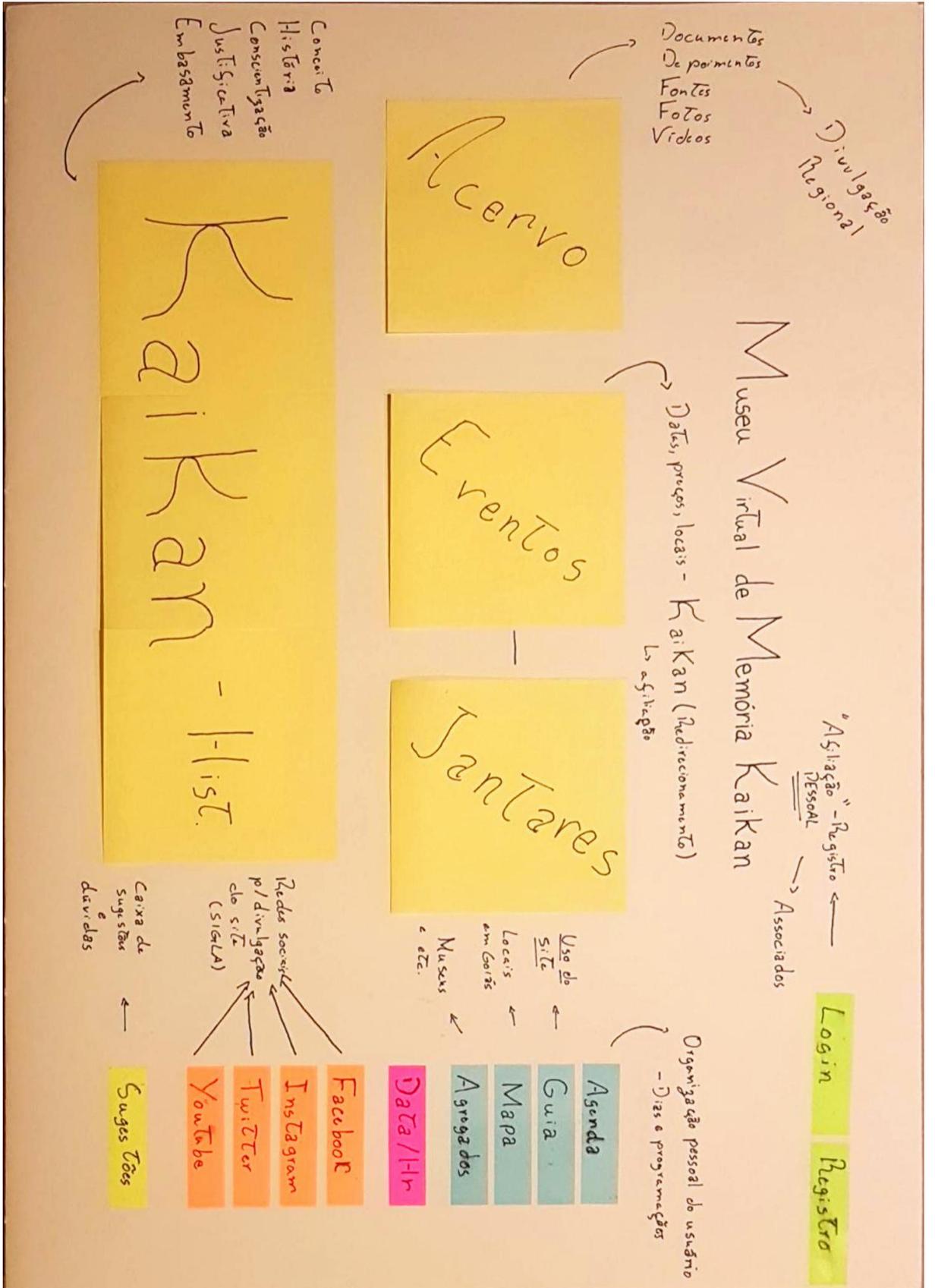
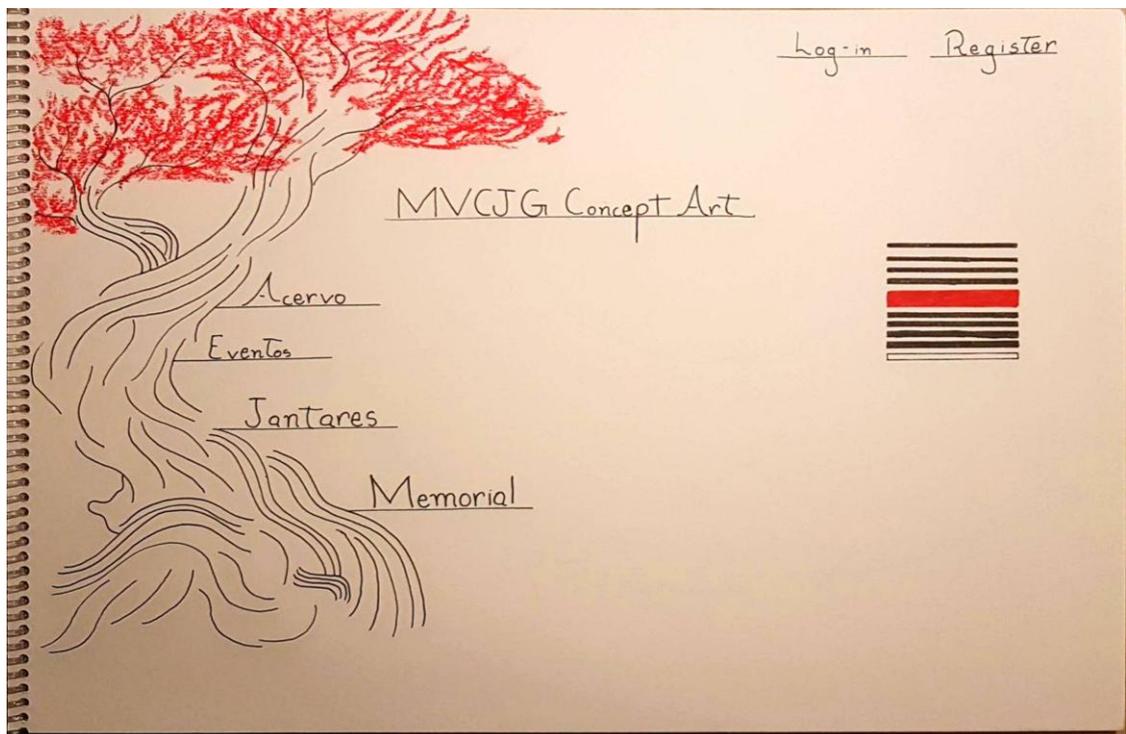


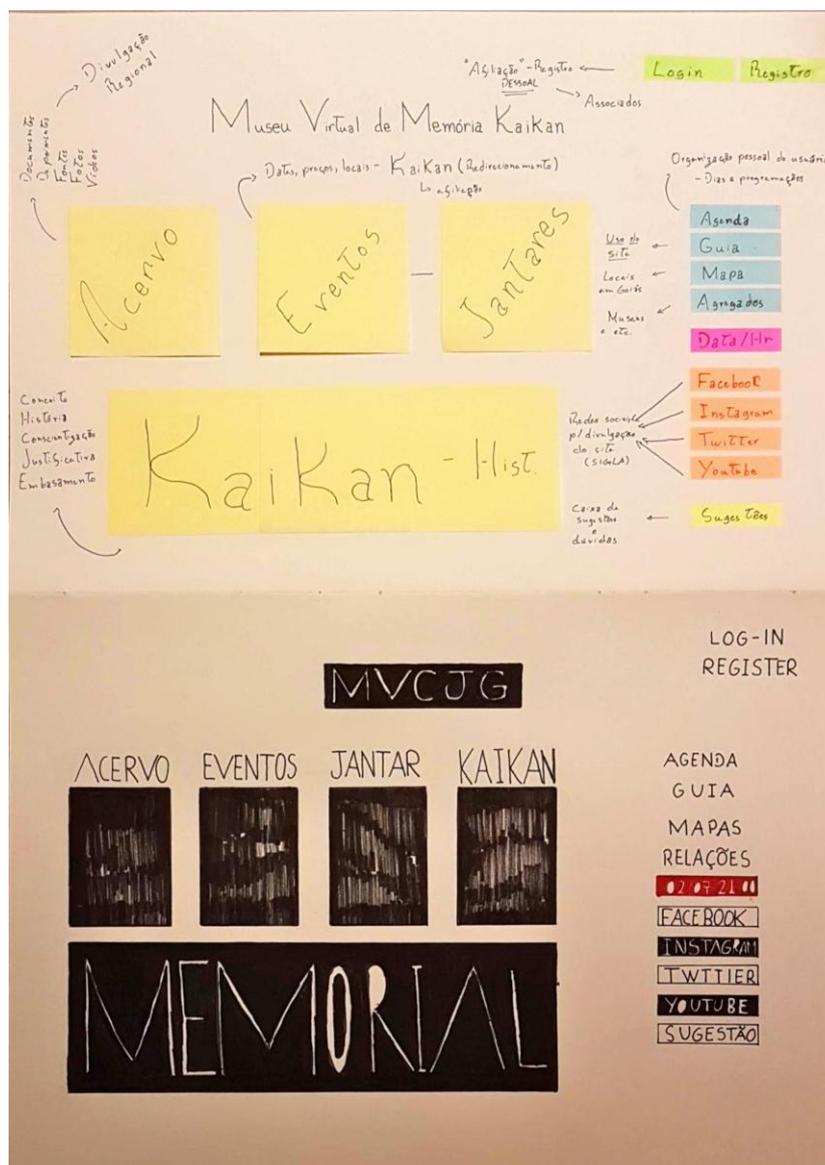
Figura 4. Problemática e possíveis sugestões

Nessa etapa de construção do site, foquei no levantamento de problemáticas e objetivos, com o intuito de levantar uma gama de dados a serem analisados e, posteriormente, encontrar meios de solucioná-los.



**Figura 5. Concept Art do Museu Virtual**

Etapa de construção do conceito visual inicial do site, assim como sua página inicial e as primeiras ferramentas necessárias para sua operação do site, de forma funcional. Esta parte manual serviu de base para a montagem do visual do site no computador, a distribuição de cores da bandeira do Japão e do Bonsai no Museu virtual foram pensadas como forma de atrair o internauta.



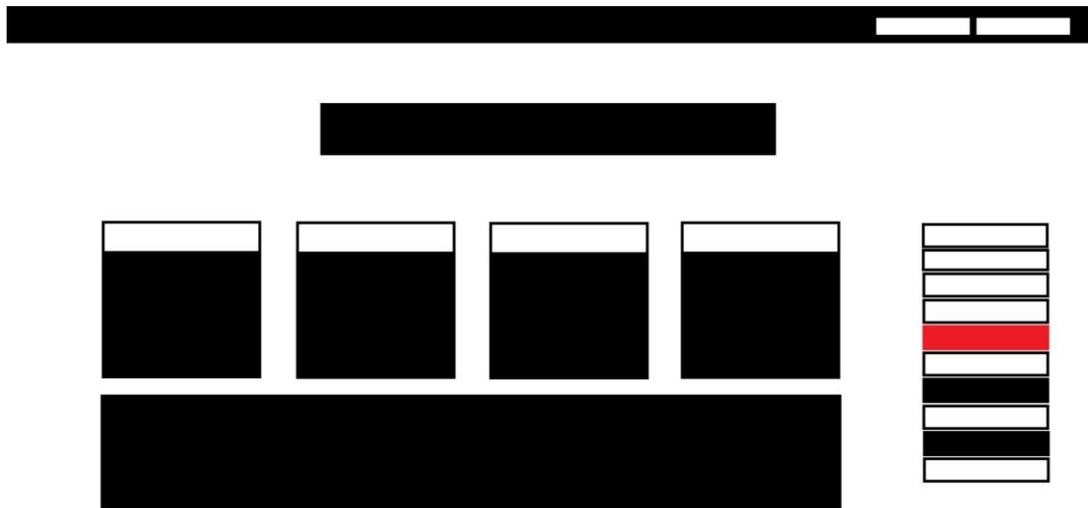
**Figura 6. Etapa final do desenvolvimento do conceito e arte do Museu virtual**

Após o levantamento da problemática e das primeiras ideias de ferramentas para o site, desenvolvi um *layout* ideal final a ser seguido como base para a construção efetiva do site do Museu virtual, com enfoque em sua página inicial, assim como pensar no público-alvo e sua

forma de utilização enquanto usuário. PQ OS ELEMENTOS, LIGAÇÃO COM A CULTURA JAPONESA. TRABALHAR CONCEITUALMENTE.

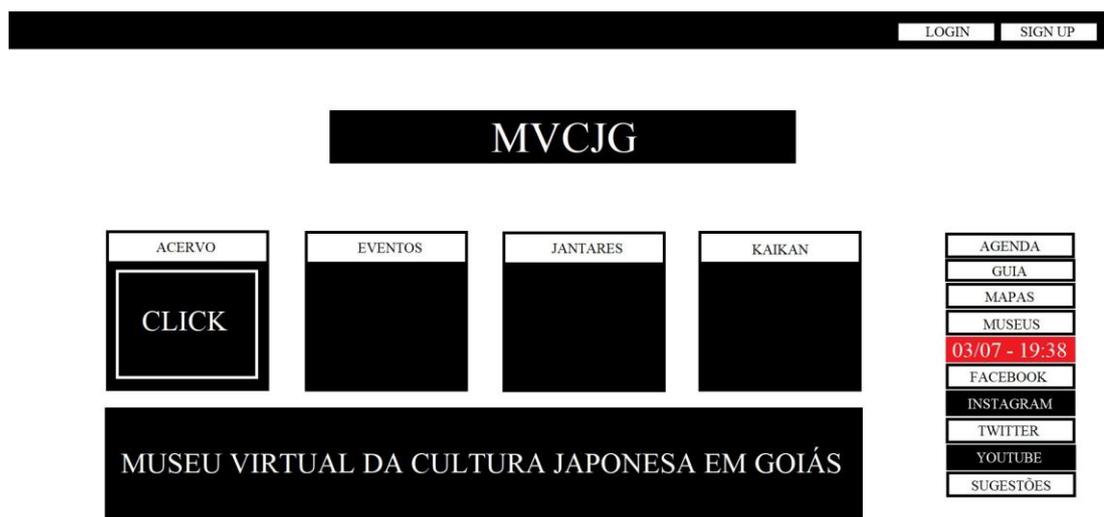
### 2.3 Conclusão da idealização do site do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás.

Abaixo seguem as imagens das etapas de construção do ideal do museu virtual, utilizando as ferramentas digitais e atingindo o objetivo final.



**Figura 7. Disposição das caixas de ferramentas.**

Nessa etapa incluí as barras de ferramentas previamente pensadas, distribuindo-as na página inicial de forma com que o *layout* permanecesse o mais intuitivo, claro e convidativo ao usuário. A disposição das cores se deu a partir do conceito primário vinculado à cultura japonesa: preto, branco e vermelho.



**Figura 8. Nomeação das caixas de ferramentas**

As funções pensadas previamente foram devidamente empregadas cada qual em sua respectiva posição, atendendo o máximo possível as necessidades do usuário. A caixa de login, no canto superior direito, assim como a *sign up* (Inscrever-se), destinam-se à criação de uma conta pessoal e individual, possibilitando ao usuário maior interação e acesso a outras instâncias do museu virtual, como:

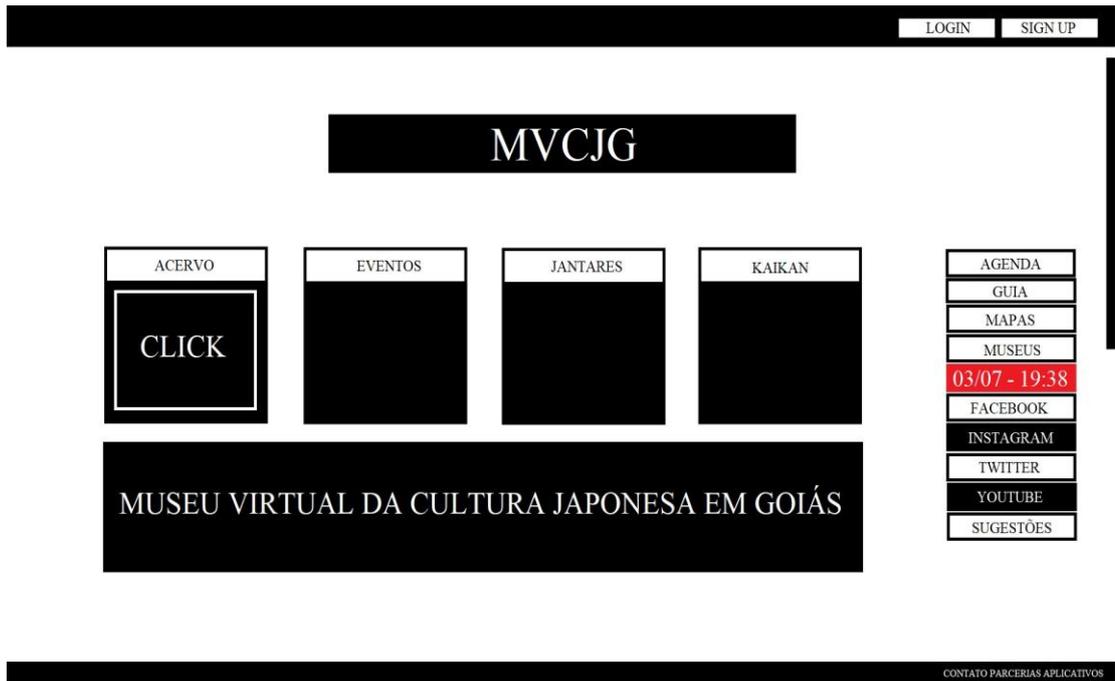
- Agenda: interface destinada à organização do usuário em relação aos eventos da cultura oriental disponibilizados no estado de Goiás através de um calendário contendo datas e horários e a opção de agendar o evento no qual possui interesse em participar;
- Guia: sequência de tópicos auxiliares para a utilização do museu virtual, explicando qual a função e como utilizar cada ferramenta do site;
- Mapas: interface que contaria com um mapa interativo contendo todos os pontos com enfoque na cultura oriental no Brasil;
- Museus: redirecionamentos a museus agregados que cultivem a memória oriental pelo país, como, por exemplo, o Museu da Imigração Japonesa, em São Paulo;
- Data e hora: alinhados ao horário de Brasília;
- Redes sociais: ferramentas destinadas à divulgação do museu virtual, assim como a cultura oriental em Goiás;
- Sugestões: interface onde o usuário pode colaborar, sugerindo aprimoramentos, comentários, dúvidas e críticas sobre o site;

- Acervo: ferramenta onde se encontram os documentos, depoimentos, fotos e vídeos dos imigrantes que chegaram em Goiás, ali se encontraria toda a documentação e ações de salvaguarda do museu virtual;
- Eventos: divulgação dos eventos referentes à cultura oriental em Goiás, contendo datas, preços e locais específicos;
- Jantares: redirecionamento ao site da Associação Nipo Brasileira de Goiás (ANBG) informando as datas e os locais dos jantares típicos;
- Kaikan: redirecionamento ao site da Associação Nipo Brasileira de Goiás (ANBG) no âmbito de história e criação do clube;
- Memorial do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás (MVCJG): interface que conta com o conceito do museu, bem como sua história, justificativa, embasamento e concretização.



**Figura 9. Harmonização do *layout***

Nessa etapa foi inserida a barra de contato, parcerias e aplicativos inerentes ao site.



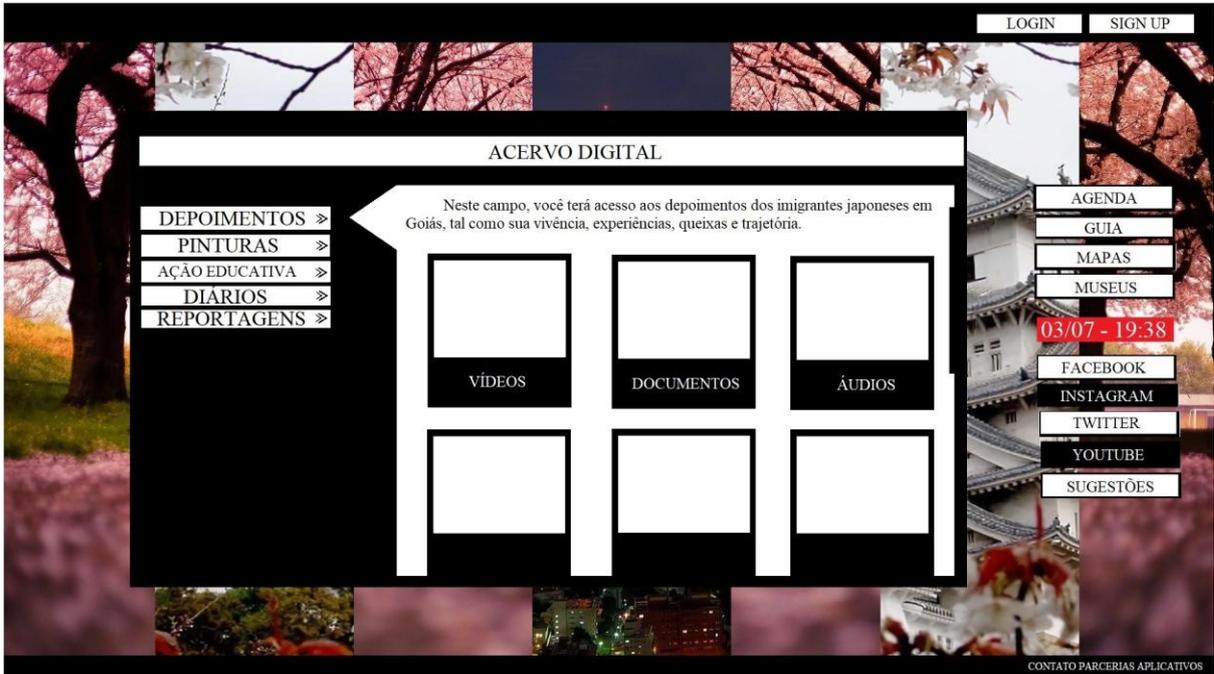
**Figura 10. Barra de rolagem**

Nessa etapa, foi incluída a barra de rolagem, no canto direito, pensando no funcionamento do site.



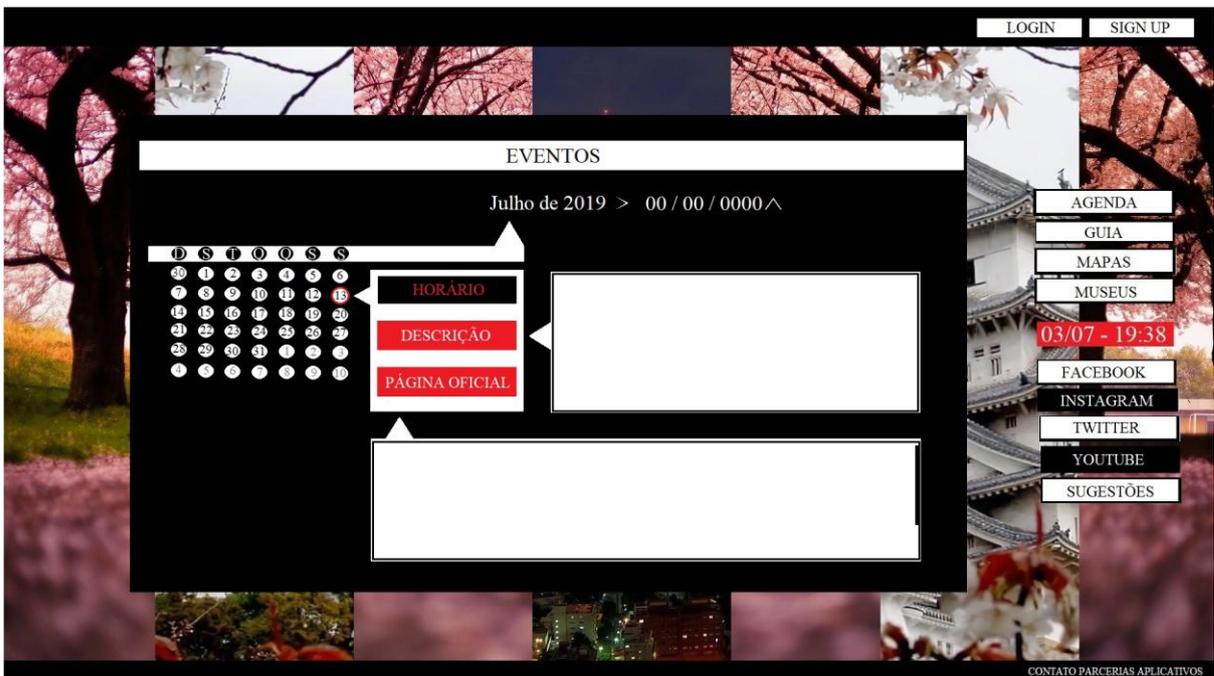
**Figura 11. Idealização final**

Últimos ajustes na linguagem visual, bem como a harmonia e disposição das imagens referentes ao Japão, como atributo instigante ao usuário.



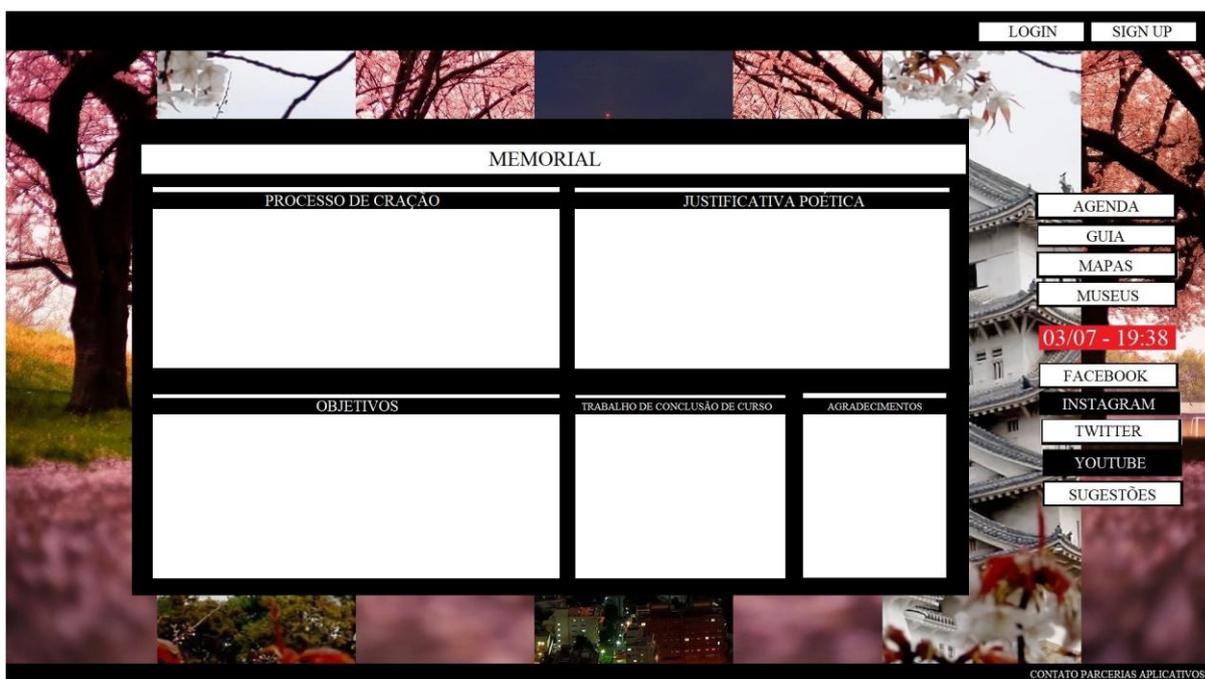
**Figura 12. Criação da interface do acervo digital**

Idealização de uma janela extra ativada ao clicar na ferramenta de acesso ao “Acervo Digital” do museu virtual. Disposição dos elementos de forma simples e clara, para melhor entendimento do usuário. Disponibilização online de todo recurso coletado durante pesquisa e de museus brasileiros com enfoque na história da imigração japonesa no país, tal como depoimentos dos imigrantes apresentados através de multimídia diversa, como apresentado na imagem; pinturas de mesma origem; diários; reportagens e até mesmo ações educativas.



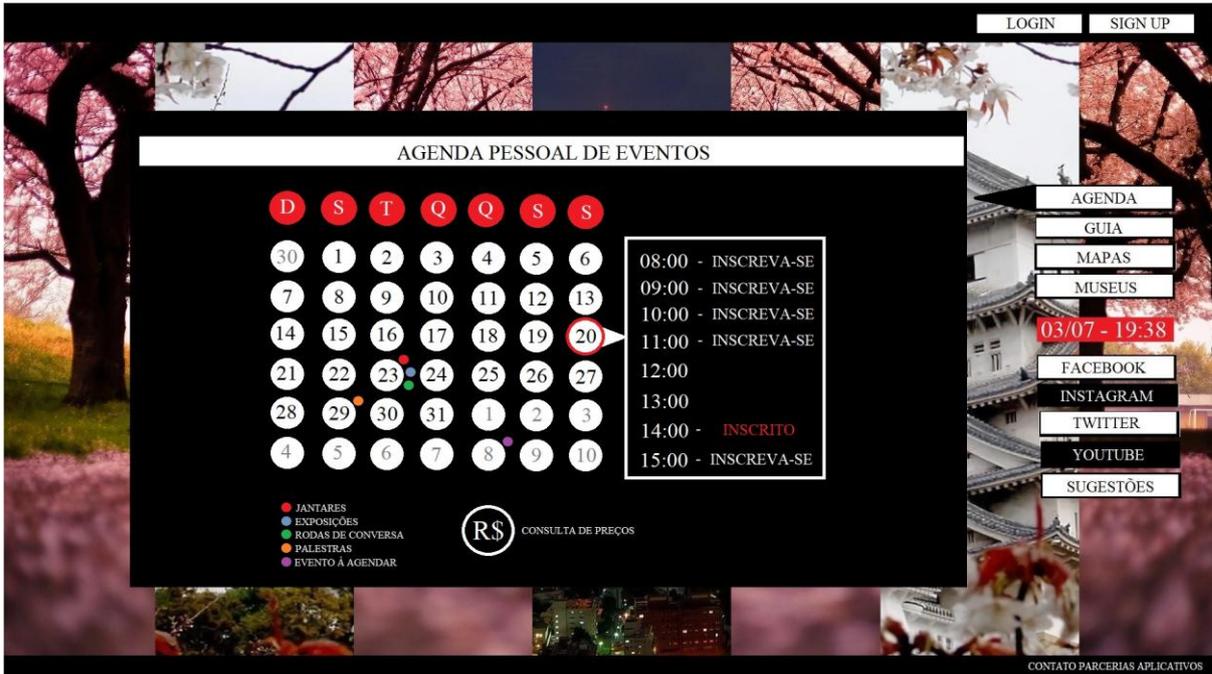
**Figura 13. Criação da interface de eventos**

Tentativa de desenvolver uma interface contendo dia, mês e ano reguláveis, possibilitando um planejamento maior de um calendário de eventos, o qual desse acesso ao usuário cada data de ocorrência dos mesmos, assim como sua descrição (apresentada através de uma terceira janela à direita do calendário, como demonstrado na figura), horário e página oficial (caso necessário algum tipo de informação extra acerca do assunto). Tal interface estaria disponível ao público em geral, independente de sua afiliação ou não ao site.



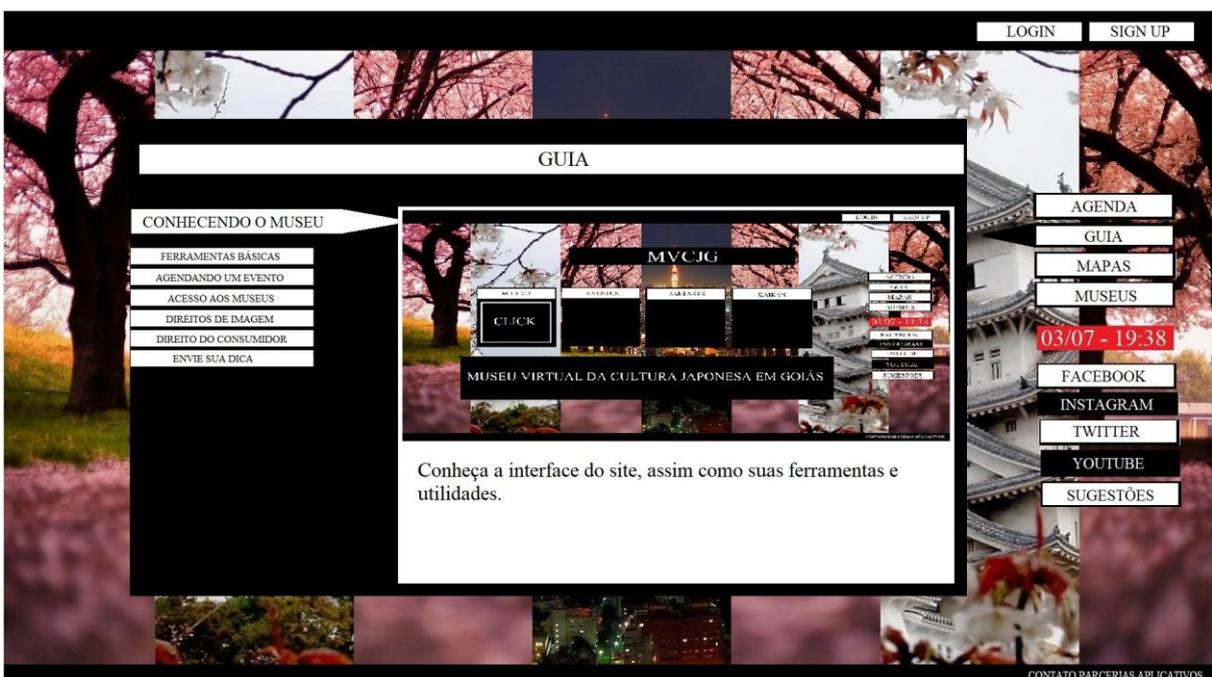
**Figura 14. Criação da interface do memorial**

Interface destinada às janelas específicas, que tratam de toda história da idealização do Museu Virtual da Cultura Japonesa em Goiás, trazendo informações como: processo de criação do site; justificativa poética; objetivos gerais e específicos; acesso a esse trabalho de conclusão de curso e, por fim, os devidos agradecimentos.



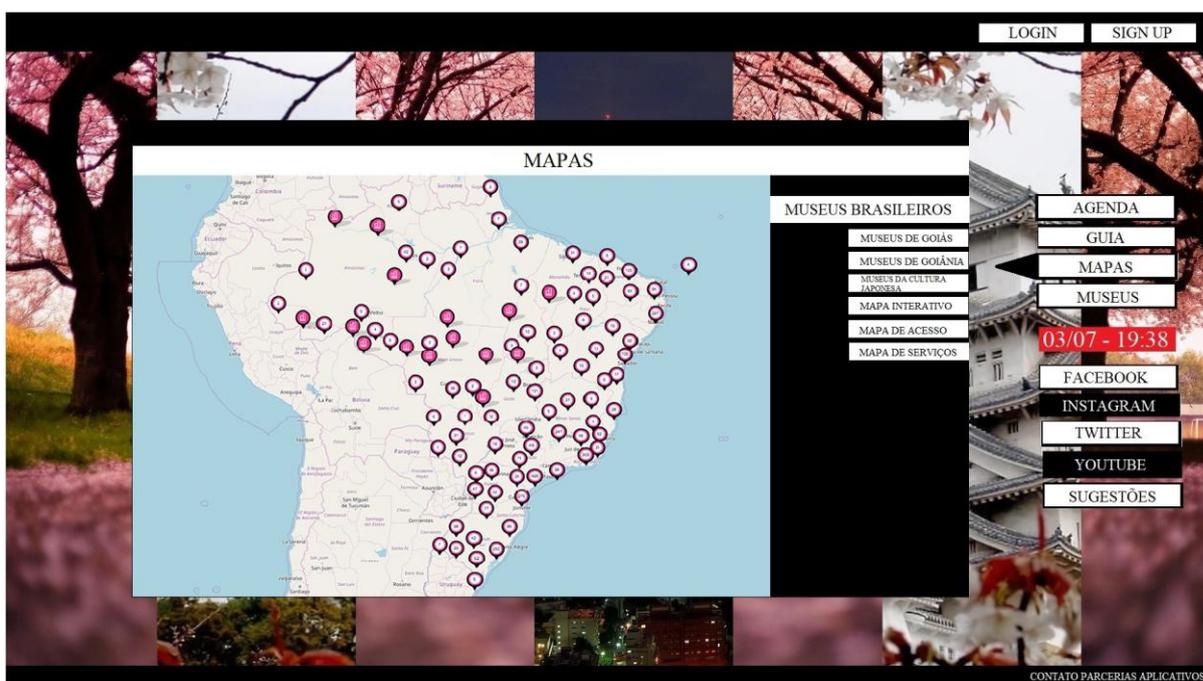
**Figura 15. Criação da interface da agenda pessoal de eventos**

Nessa etapa, projetou-se uma janela de ferramentas exclusivas aos filiados ao museu virtual, onde o usuário, individualmente, teria acesso à sua própria agenda de eventos, possibilitando-o maior organização e apresentando-o maiores detalhamentos através das legendas de fácil entendimento, como: jantares disponíveis; exposições; rodas de conversa; palestras e eventos a serem agendados. Essa etapa também conta com uma consulta de preços dos eventos e uma janela de horários que dá acesso aos botões “inscreva-se” e “inscrito”, também idealizados com o intuito de trazer maior eficiência e praticidade.



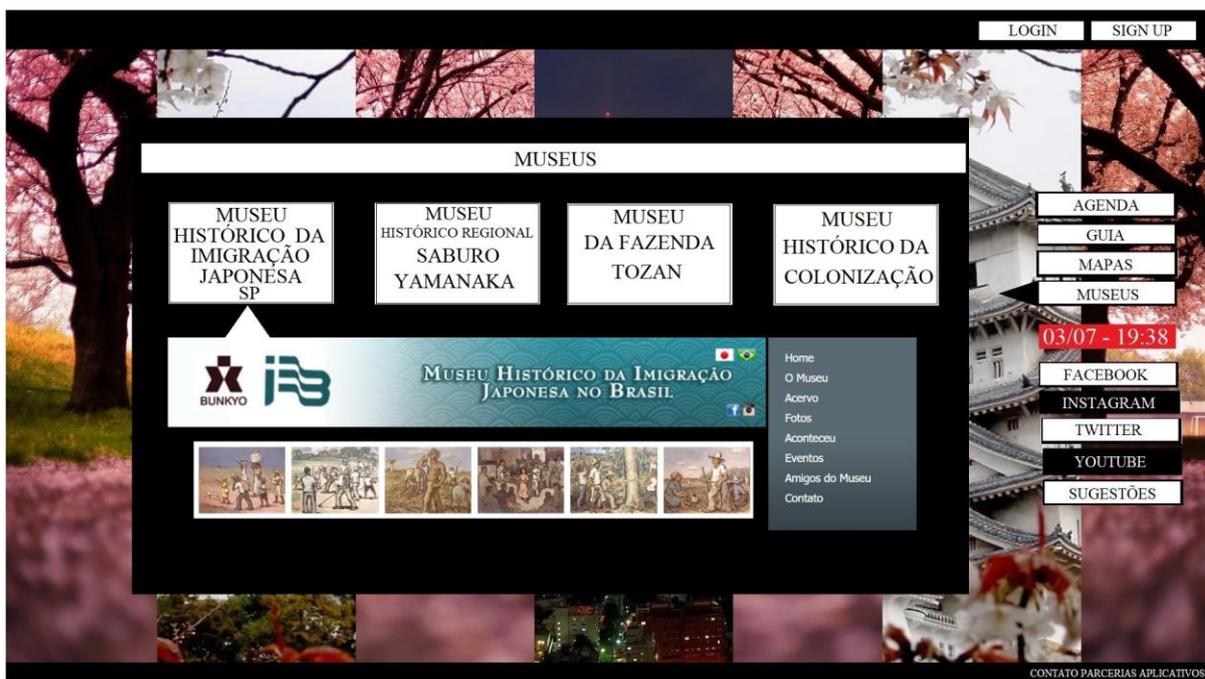
**Figura 16. Criação da interface do guia**

Nessa etapa, desenvolveu-se uma ferramenta extra destinada ao melhor entendimento do usuário para com o museu virtual, possibilitando o máximo de sua experiência. Temos sete principais meios de levar a informação ao indivíduo, sendo eles: “Conhecendo o Museu”, janela que visa um rápido e intuitivo tutorial acerca da esquematização do site, deixando claro cada uma de suas ferramentas; “Ferramentas Básicas”, para maior aprofundamento sobre o uso de cada interface e suas funções; “Agendando um Evento”, para dúvidas gerais acerca do funcionamento da Agenda Pessoal de Eventos, anteriormente apresentada; “Acesso aos Museus”, direcionado ao maior entendimento sobre o acesso aos museus virtuais disponíveis no site; “Direitos de Imagem”, explicando sobre as possibilidades de utilização da imagem do museu virtual, tal como questões legais que abordam o assunto; “Direito do Consumidor”, para munir e instruir o usuário acerca de seus direitos; “Envie sua Dica”, ferramenta destinada ao melhor entendimento da ferramenta de “Sugestões”, apresentada na mesma figura.



**Figura 17. Criação da interface de mapas**

Disponibilização do acesso aos mapas de maior importância para uma interação do usuário quanto à localização dos eventos, museus e todo acervo que trate da história da imigração japonesa no Brasil e, principalmente, em Goiás. Foram separados seis principais, com possibilidade de alteração: Museus Brasileiros, Museus de Goiás, Museus de Goiânia, Museus da Cultura Japonesa, Mapa interativo, Mapa de Acesso e Mapa de Serviços.



**Figura 18. Criação da interface de museus**

Interface final pensada para a disponibilização de diversos museus virtuais e físicos que tratam da mesma temática por todo país, assim como um acesso prévio às suas respectivas páginas virtuais, tentando aproximar o usuário do universo debatido neste trabalho.

## 2.4 Hipótese de execução empírica

Utilização de uma plataforma específica para a criação de um site de maneira prática e gratuita, de forma que seja possível pensar num resultado final e concreto a partir de uma hipótese, com um modelo autoexplicativo de um passo a passo para a criação efetiva do site.

WIX

— VAMOS COMEÇAR

Nós queremos que a sua experiência com Wix seja perfeita para as suas necessidades. Responda algumas perguntas para que possamos te conhecer melhor.

Vamos Lá

[Pular](#)

Figura 19. Início da interface Wix.

WIX

— VAMOS COMEÇAR

Eu quero criar um site para

mim mesmo.  
um cliente.  
a empresa onde eu trabalho  
outra pessoa.

[Pular](#)

Figura 20. Objetivo do site

WIX

— VAMOS COMEÇAR

Eu quero criar um site para [outra pessoa](#).  
Deve ser um site de [outros](#) e eu  
[nunca criei site antes](#).

[Ver Recomendação](#)[Pular](#)

Figura 21. Instância e público-alvo.

WIX

— VAMOS COMEÇAR

Deixe Wix ADI criar  
um site para você

Responda algumas perguntas simples e receba em poucos minutos um site feito especialmente para você.

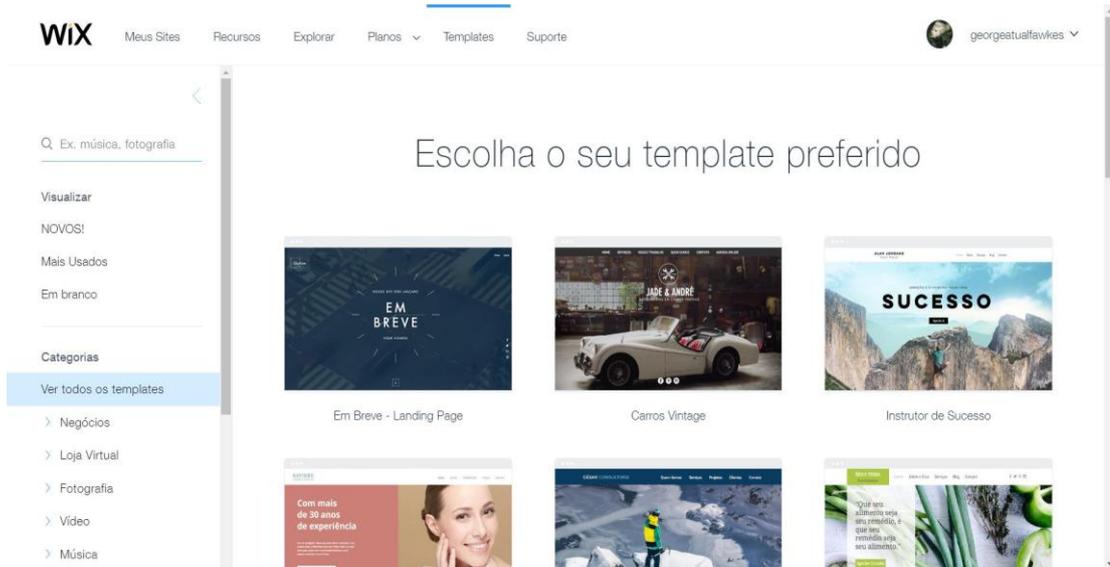
[Comece Já](#)[Voltar](#)

Ou

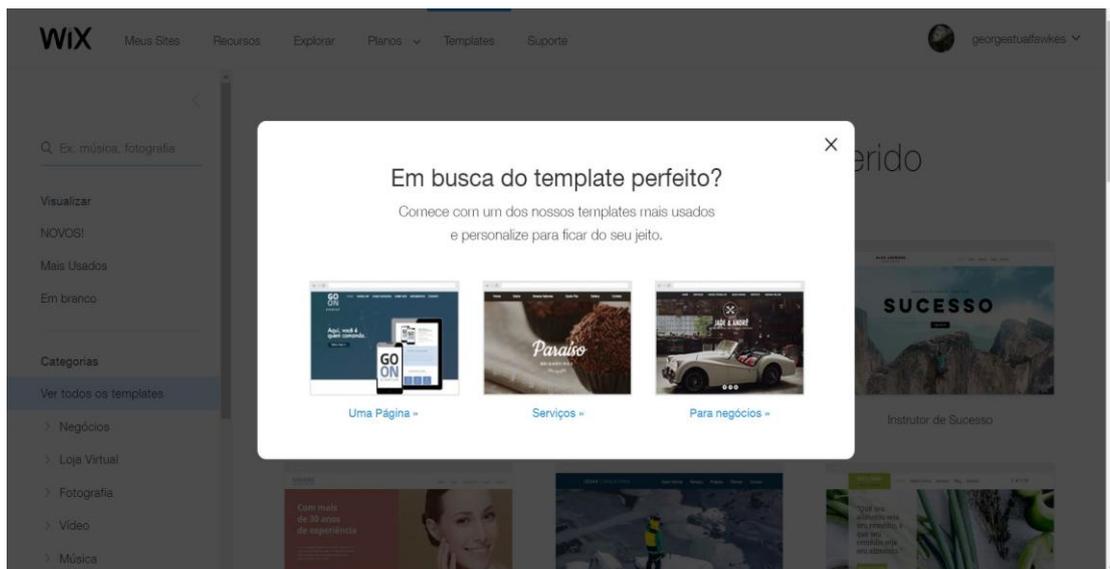
Crie o seu próprio site usando o Editor Wix.

[Escolha um Template](#)

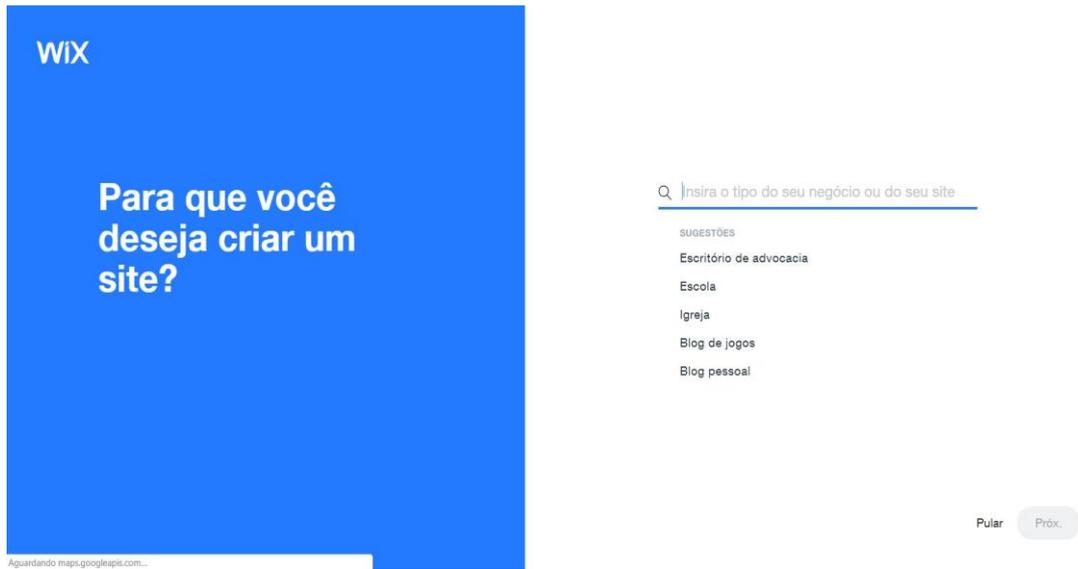
Figura 22. Tutorial para o design inicial



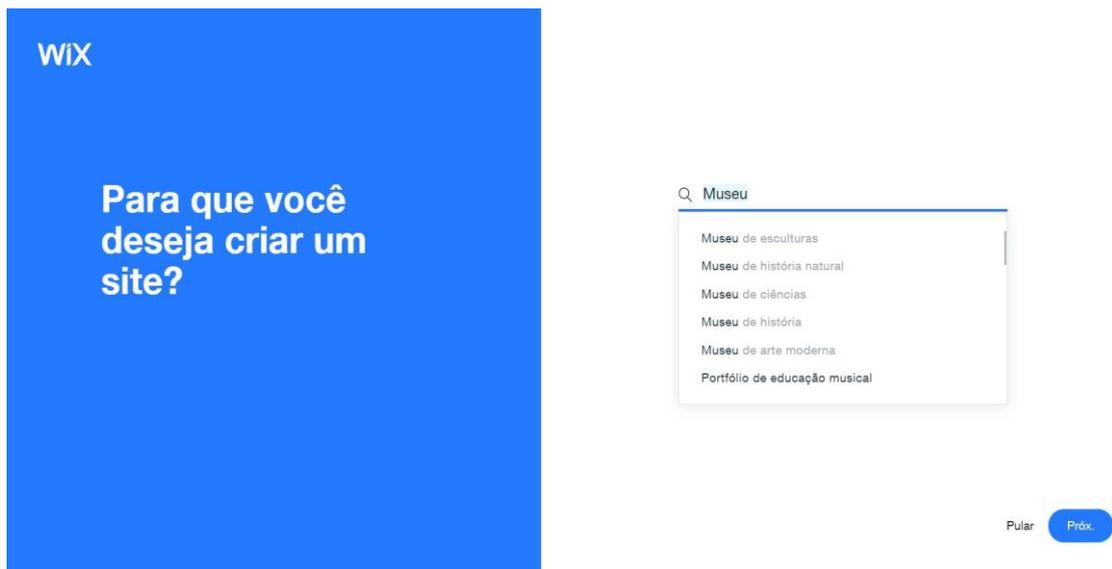
**Figura 23. Opções pré-definidas.**



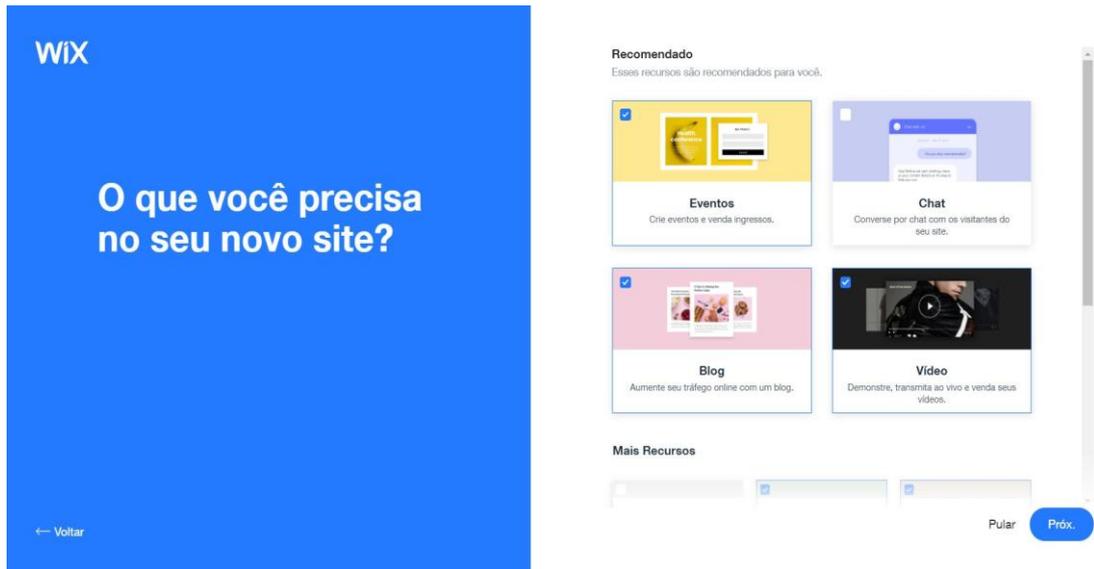
**Figura 24. Designação do tema.**



**Figura 25. Finalidade do site.**



**Figura 26. O uso do título “Museu” como referência.**



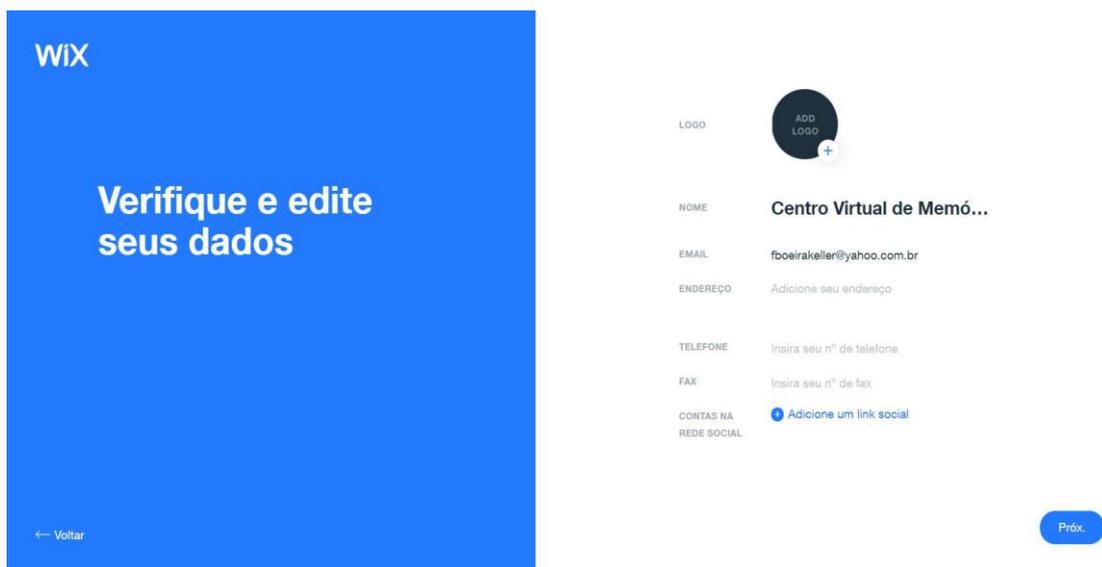
**Figura 27. Ferramentas disponíveis para incremento.**



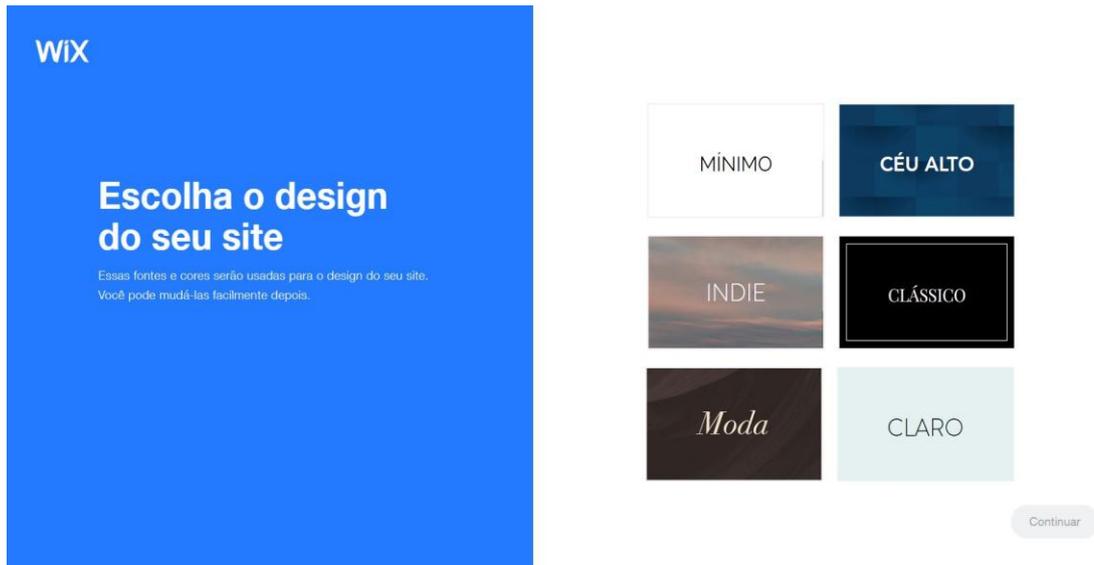
**Figura 28. Denominação do site.**



**Figura 29. Localização do espaço físico (se houver).**



**Figura 30. Visualização e edição de dados pessoais.**



**Figura 31. Design básico usado como parâmetro inicial**



**Figura 32. Desenvolvimento do site contendo opções para seu design.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar, Goiás foi palco de várias imigrações de estrangeiros e migrantes de outros estados. Essa mesclagem de culturas faz do estado uma região heterogênea e aberta para estudos em duas diferentes regiões. O estudo teve o objetivo de reunir referências e colocá-las em pauta, no intuito de enfraquecer o preconceito que muitos, por motivos culturais, tem por Goiás.

Através do levantamento de dados, pesquisa de público, estudo dos museus virtuais, foi levantada a seguinte questão: Existe uma rede de relações que possibilita a troca de informações e experiências entre os membros da comunidade japonesa no país e no estado? Desta questão problema surgiu a solução: a criação de um museu virtual em prol de uma aproximação do público-alvo e descendentes de japoneses com o clube. Nesse caso, o museu virtual viria a mediar as vias de fato. Já que Goiás é um estado com uma cultura sertaneja muito presente, divulgar de maneira mais ampla uma outra cultura que faz parte da sociedade goiana seria de extrema importância.

Foi realizada uma pesquisa sobre museus virtuais e tutoriais de como criar um site, mais especificamente, um museu virtual da imigração japonesa em Goiás, que viria a aprimorar os valores culturais da sociedade oriental presente na capital e em todo o estado. Foi utilizado o método de montagem manual de site com post-it e sugestões sobre onde cada ferramenta se encaixaria no site, posteriormente, a ideia foi levada ao virtual, montando o site no computador no mesmo estilo do manual, com o uso de cores referentes à cultura japonesa.

O objetivo do site é aumentar o público do Kaikan, possibilitando uma interação mais profunda da sociedade com o clube e o museu virtual, este último viria a ser o primeiro no estado tratando sobre o tema. No site estariam dispostas ferramentas como o acervo, datas de jantares e eventos, acesso a fotos, além do conceito do museu virtual, bem como sua história, justificativa e embasamento e seu memorial. Fariam parte, também, as redes sociais – atualmente em alta, o que seria um pilar tanto para o museu, quanto para o clube.

Este projeto teve o propósito de alcançar o público-alvo e ressaltou a importância do museu virtual para o fortalecimento da cultura oriental em Goiás. Os resultados obtidos foram além do esperado, pois museu virtual visa refinar os estudos e práticas museológicas no novo conceito virtual de museologia.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn; SOUZA, Ivana Carolina. **Museus virtuais e web 2.0**: conversas contemporâneas. Simpósio em tecnologias sociais e sociabilidade. Práticas internacionais em rede. Salvador. 10 e 11 de outubro de 2012.
- AMORIM, Wilma Melhorim de. “Estratégias de sobrevivência: famílias de imigrantes italianos em Nova Veneza”. In: Ateliê Geográfico, nº 3, pg 166, 2008
- ARAÚJO, Camila Gonzaga de; VAZ, Fabiano Amorim. **Museu virtual interativo: técnicas para digitalização e exposição**. Rios Eletrônica – Revista científica da FASETE. Ano 7, N.7. 7 de dezembro de 2013.
- ASSOCIAÇÃO NIPO BRASILEIRA DE GOIÁS. **Kaikan**. 2018. Disponível em: <<http://www.anbgkaikan.com.br/kaikan/kaikan.html>>. Acesso em: 11 abr 2018.
- BELTRÃO, Kaizô; SUGAHARA, Sonoe; UYEDA, Maria H.; SETO, Claudio. **Haine: Raízes**. Expansão da comunidade Nikkei nos 100 anos de presença no Brasil: 2º volume. 1ª Edição. Editora Associação brasileira de dekasseguis; Associação cultural e beneficente nipo-brasileira de Curitiba. Curitiba, 2008.
- CULTURA JAPONESA. Endereço de templos budistas no Brasil. Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/index.php/religiao/lista-de-templos-budistas-no-brasil/>>. Acesso em: 13 jul 2019.
- FERREIRA, Gisele da Silva. **Expansão da população asiática no Brasil e no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/negocios/wp-content/uploads/sites/6/2016/03/51\\_GISELE-DA-SILVA-FERREIRA.pdf](http://www.pucrs.br/negocios/wp-content/uploads/sites/6/2016/03/51_GISELE-DA-SILVA-FERREIRA.pdf)> . Acesso em: 24 set. 2017.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª edição. ATLAS. São Paulo, 2002.
- HENRIQUES, Rosali. **Museus virtuais e cibermuseus**: a internet e os museus. 2004.
- IBGE. Censo. Amostra da população. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goiania/pesquisa/23/25888>>. Acesso em 02 jun 2019
- IMIGRAÇÃO JAPONESA: MUSEUS, HISTÓRIA E DEPOIMENTOS. **História da imigração – parte 1**. 2018. Disponível em: <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)>. Acesso em: 11 abr 2018.
- IMIGRAÇÃO JAPONESA: MUSEUS, HISTÓRIA E DEPOIMENTOS. **História da imigração – parte 2**. 2018. Disponível em: <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=68](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=68)>. Acesso em: 11 abr 2018.

IMIGRAÇÃO JAPONESA: MUSEUS, HISTÓRIA E DEPOIMENTOS. **História da imigração – parte 3**. 2018. Disponível em:

<[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=70](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=70)>. Acesso em: 11 abr 2018.

IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_japonesa\\_no\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_japonesa_no_Brasil)>. Acesso em

23 jun 2019.

*Autor desconhecido*. **Como criar um site de sucesso**. SEBRAE, 2011.

ITAÚ CULTURAL. **A importância dos centros de memória para as instituições e para a sociedade**. Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br/a-importancia-dos-centros-de-memoria-para-as-instituicoes-e-para-a-sociedade>>. Acesso em 12 jul 2018.

KASATO MARU: O PRIMEIRO NAVIO A TRAZER IMIGRANTES JAPONESSES.

Okinawando: conheça um outro lado de Okinawa. Disponível em:

<<https://okinawando.wordpress.com/2018/06/18/kasato-maru-o-primeiro-navio-a-trazer-imigrantes-japoneses/>>. Acesso em 23 jun 2019.

LIBERDADE (Bairro de São Paulo). Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade\\_\(bairro\\_de\\_S%C3%A3o\\_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_(bairro_de_S%C3%A3o_Paulo))>. Acesso em: 01

jun 2018.

MACEDO, Diana Pelosi Silva de; COZZ, Silmara Silvia Mantelli. A realidade virtual na museologia: uma análise das vantagens e desvantagens para o turismo cultural. In: Revista de Ciências Administrativas, vol 11, dezembro 2005, pp. 229-240. Universidade de Fortaleza, Brasil.

NUNES, H. P. A imigração árabe em Goiás. Goiânia: Ed. da UFG, 2000.

MOTA, Fátima A.C. **Meia volta ao mundo: Imigração japonesa em Goiás**. Goiânia: ANBG, 2008.

MUCHACHO, Rute. **O Museu Virtual: as novas tecnologias e a reinvenção do espaço museológico**. In: Biblioteca on line de Ciências da Comunicação. ISSN 1646-3137.

SOPCOM: 2005.

PEREIRA, João Batista Borges. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. REVISTA USP, São Paulo, n.46, p. 6-29, junho/agosto 2000. Pg 16.

SABATTINI, Marcelo. **Reflexões sobre o museu virtual: a mediação educacional do objeto, da informação e do visitante em um novo espaço de representação**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010.

SAITO, Cecília N. I. **O imigrante e a imigração japonesa no brasil e no estado de Goiás.**

Disponível em :

<[https://projetos.extras.ufg.br/joomla\\_proec/revista\\_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos\\_pdf/cecilia\\_noriko\\_ito\\_saito.pdf](https://projetos.extras.ufg.br/joomla_proec/revista_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos_pdf/cecilia_noriko_ito_saito.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2017.

SANTOS, Derlei Albeto dos. **Projeto memória Votorantim: construindo a memória corporativa e o uso das narrativas locais.** 2012. 128f. Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

SANTOS RECEBE PELA PRIMEIRA VEZ O “LA PLATA MARU”, ESTRELA DA NAVEGAÇÃO MERCANTE JAPONESA. Blog Memória Santista. Disponível em:

<<http://memoriasantista.com.br/?p=1993>>. Acesso em: 20 jun 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. **Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

SOUZA, Rildo Bento de. Por uma identidade cultural para Goiás: uma análise da revista Goianidade (1992). In: Revista de História Regional, nº 2, 2017.

TEIXEIRA, Robson da Silva. Museu virtual: um novo olhar para a informação e comunicação na museologia. In: Perspectivas em Ciência da Informação, v.19, n.4, p.226-238, out./dez. 2014.